



8

Anos

FEB

FORÇA
EXPEDICIONÁRIA
BRASILEIRA



Imagens Simbólicas: FEB:80 anos de Honra e Glória.

Fonte: Pesquisas na internet

Rocha Paiva, Luiz Eduardo;

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) – 80 ANOS DE HONRA E GLÓRIA

1ª Edição. — Editora: Publicação Independente, 2025. 104 páginas.

Modo de Acesso: Publicação digital (E-book) no formato PDF.

[E-books | Instituto SAGRES](#)

ISBN: 978-85-53117-07-9.

1. Liberdade. 2. Justiça. 3. Soberania. 4. FEB. 5. II Guerra Mundial.

Diagramação e Formatação: Carlos Roberto Sucha

SUMÁRIO

SUMÁRIO	2
ÍNDICE DE IMAGENS E FOTOS.....	4
INTRODUÇÃO.....	6
O LEGADO MORAL DA FEB E DOS PRACINHAS PARA NÓS BRASILEIROS.....	9
CURRÍCULO	11
ARTIGO 1 – FEB: PARA OS QUE A AMAM E OS QUE A DENIGREM.....	12
ARTIGO 2 – A FEB - FEITOS E VALORES: LEGADO PARA O EXÉRCITO E O BRASIL DE HOJE	18
1. INTRODUÇÃO	18
2. O BRASIL NOS ANOS 1930 – 1940	19
3. VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA	22
4. NA GUERRA O INÍCIO É SEMPRE DIFÍCIL	26
5. A CHEGADA NO TO ITALIANO E O ROTEIRO DA FEB.....	28
6. MONTE CASTELLO TRIUNFO DA VONTADE E AFIRMAÇÃO DO VALOR	30
7. MONTESE – A MAIS SANGRENTA VITÓRIA	38
8. O LEGADO DA FEB PARA O EXÉRCITO E O BRASIL DE HOJE	45
9. FINALIZANDO.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
PESQUISA SOBRE O COMBATENTE DA FEB – CONCLUSÕES.....	51
RELATOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA I.....	55
RELATOS DA FEB I - TEN GODOFREDO HERÓI DO BRASIL.....	55
RELATOS DA FEB II - ALVORADA DO FRITZ	59
RELATOS DA FEB III – HERÓIS DE ABETAIA.....	61
RELATOS DA FEB IV - CHICO PARAÍBA.....	62
RELATOS DA FEB V - TEN TROTA - HERÓI DO BRASIL.....	67
RELATOS DA FEB VI - TEN AMARO - HERÓI DO BRASIL	69
RELATOS DA FEB VII - TEN REGUEIRA HERÓI DO BRASIL	71
RELATOS DA FEB VIII - PREPARAÇÃO DA FEB - 1944.....	74
TRIBUTAO SGT MAX WOLF - HERÓI DO BRASIL	76
TRIBUTAO TEN CEL NESTOR, VETERANO DA FEB - HERÓI DO BRASIL	81
TRIBUTAO SGT HERÓIS FEB - LIVRO DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO	85
HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	88
CRUZ DE COMBATE 1ª CLASSE – ALGUNS HERÓIS DA FEB.....	90
JORNALISMO DE GUERRA.....	92

VÍDEOS SOBRE A FEB	99
PROJETO CIVISMO DO INSTITUTO SAGRES (VER LINKS).....	99
VÍDEOS DE PROGRAMAS DA RPC TV SOBRE A FEB (VER LINKS)	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

NOTA DO AUTOR: OS ARTIGOS 1 E 2 ESTÃO APRESENTADOS, TAMBÉM EM FORMA DE VÍDEO-PALESTRAS, CUJOS LINKS SE ENCONTRAM NA PÁGINA 100.

ÍNDICE DE IMAGENS E FOTOS

Imagens Simbólicas: FEB:80 anos de Honra e Glória.....	1
Imagem: Contribuição da FEB para a Nação brasileira.....	6
Imagem: As maiores vitórias da FEB.....	9
Imagem: EB – Ontem, hoje e sempre da Pátria a Guarda	10
Imagem: Pracinhas da FEB	12
Imagem: Capa do livro.....	13
Imagem: Capa do livro.....	15
Imagem: O Brasil nos anos 30	20
Imagem: O Brasil na Era Vargas.....	21
Imagem: Por que o Brasil foi à Guerra?	22
Imagem: Exército Brasileiro em 1943 (a)	23
Imagem: Exército Brasileiro em 1943 (b)	24
Imagem: A Cobra Fumou.....	25
Imagem: O Brasil não estava preparado para uma guerra	28
Figura 1: Roteiro da FEB na Itália.	30
Figura 2: Direções dos ataques sem êxito a Monte Castello.....	31
Figura 3: Esquema do ataque a MC e La Torraccia	33
Figura 4: Situação entre 0530 e 0800h.....	35
Figura 5: Evolução da situação entre 0800 e 1330h	36
Figura 6: Situação entre 1330 e 1600h.....	37
Figura 7: Final do ataque a MC.....	38
Figura 8: Resumo do ataque a Montese.	40
Figura 9: Esquema de manobra do I - RT, que conquistou Montese.....	41
Figura 10: Evolução do ataque da 2ª Cia à Vila de Montese.....	42
Figura 11: Ataque à Vila de Montese pelo 3º Pel da 2ª Cia do I – RT	43
Figura 12: Dispositivo do I – RT para manter os objetivos do batalhão	45
Imagem: Gen Meira Mattos (Cap na FEB no 6º RI - Regimento Ipiranga).....	53
Imagem: Gen Paulo Campos Paiva (Ten na FEB no 1ºRI - Regimento Sampaio).....	53
Imagem: Pelotão de Petrechos do Ten Godofredo.	56
Imagem: Ten Godofredo.....	58
Imagem: Ten Paiva do I Btl do Regimento Sampaio	60
Imagem: O Corredor da Morte.	61
Imagem: Os heróis de Abetaia.	62

Imagem: Ten Ithamar, 9ª Cia do 3º Btl/11º RI (Regimento Tiradentes).	63
Imagem: Pracinha da FEB.....	63
Imagem: Tenente Amaro.....	70
Imagem: Navio Transporte de tropas	76
Imagem: Getulio Vargas a bordo do Navio transporte de tropas na partida	76
Imagens e textos:Museu da FEB no Batalhão da Guarda Presidencial	77
Imagem: Gen Zenobio e o Sgt Wolf (esquerda); Gen Truscott (EUA) e o Sgt Wolf (direita).....	78
Imagem: Carta do Sargento Max Wolf.....	78
Imagem: Última foto do Sargento Wolf a frente de seus homens. Wickpédia	79
Imagem: Carta do Gen Zenobio da Costa para a mãe do Sgt Wolf	80
Imagem: Nestor como Tenente na FEB.....	81
Imagem: 2º Sgt Nestor é o Pracinha que está tomando água no cantil, à retaguarda do pelotão.	82
Imagem: Ten Cel Nestor da Silva, em desfile militar	82
Imagem: 3º Sgt Manoel Chagas do Regimento Sampaio.....	87
Imagem: 2º Sgt Max Wolf do 11º RI.....	88
Imagem: A Cruz de Combate de 1ª Classe.....	90
Imagem: Citação para concessão da Cruz de Combate ao 2º Ten Resstel.	91
Imagem: Citação para concessão da Cruz de Combate ao Soldado Sérgio.....	92
Imagem: Capitão Bueno e Soldado Sérgio (Foto: AHEx)	93
Imagem: Capitão Bueno antes da guerra e em 1946, após o regresso.....	96
Imagem: Comandante do V Ex/EUA condecora o Soldado Sérgio com a Bronze Star (Foto: AHEx)	97

INTRODUÇÃO

General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva (Brasília, 27 Jan 2024 – reedição)

‘VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA’

A II GM marcou o início da ascensão do Brasil no cenário global e a FEB foi um vetor dessa transformação, mas ela só será efetiva se o País se tornar uma potência industrial, científico-tecnológica, cultural e militar. A convivência dos oficiais e praças da FEB com os militares de potências mundiais ajudou a despertar a visão e o sonho de Brasil potência, com os desafios decorrentes, bem como a compreensão da necessidade do planejamento estratégico para o País se organizar para crescer.



Imagem: Contribuição da FEB para a Nação brasileira.

Montagem imagem The Economist internet 2008

Naquela época, as potências viam o Brasil como país periférico, mestiço e subdesenvolvido. Tinham um misto de benevolência e desprezo calcados

num sentimento de superioridade, inclusive racial, que não era exclusividade do arianismo alemão.

A FEB teve de vencer vários desafios:

- a demora em ser constituída e a indecisão dos EUA de transferir para uma tropa estrangeira equipamento, armamento e recursos necessários ao próprio Exército e aos de seus aliados já em operações;
- falta de equipamento e armamento moderno para adestrar a tropa ainda no Brasil;
- combater num TO montanhoso, que favorecia a defesa, bem conduzida pelo Exército Alemão, reconhecido pelos aliados como o mais preparado e profissional do mundo;
- a entrada em operações contra a poderosa Linha Gótica nos Montes Apeninos, no início do inverno, quando as operações deveriam se tornar estabilizadas, e após a ofensiva aliada para conquistar Bolonha ter sido detida pelos alemães no restante de toda a frente;
- a entrada em operações sem preparação completa, substituindo duas divisões aliadas, que estavam em combate há mais de um ano, e que foram transferidos para o TO francês;
- ser lançada em Monte Castello em 29 de novembro e 12 de dezembro de 1944, pelo 4º Corpo de Exército do V Ex dos EUA, sem a proteção de flanco e com efetivo inferior ao exigido pelo objetivo, como alertava o Cmt da FEB.

Houve precipitação e erro de avaliação do comando aliado sobre o poder do inimigo, o valor defensivo do terreno e o momento impróprio para prosseguir com ações ofensivas após o insucesso anglo-americano nas demais frentes.

Fica mais fácil lançar culpas em escalões subordinados, particularmente quando são forças estrangeiras, de países de menor expressão, do que assumir a desgastante responsabilidade por erros de avaliação tática.

Americanos, ingleses e franceses sofreram revezes quando seus exércitos sem experiência e ainda não preparados foram batidos em Dunquerque, na França; Passo Kasserine, na Tunísia; nas Filipinas; e no Sudeste da Ásia entre 1939 e o início de 1943.

No Brasil, a falta de conhecimento militar e de bom senso de alguns historiadores e escritores, o revisionismo ideológico da história e a estranha mania de denegrir a história da Pátria e de seus verdadeiros heróis fizeram com que a FEB fosse retratada em alguns trabalhos fora do devido contexto, como se ela tivesse ido à guerra para cumprir um papel decisivo na derrota da Alemanha como um todo.

Ora, a FEB era apenas uma das 69 divisões aliadas na Europa Ocidental e atuava em um TO secundário. Não era uma divisão blindada e sim a pé. Portanto, o seu papel era tático e não estratégico, como não poderia deixar de ser. Era uma das divisões do 4º Corpo de Exército dos EUA, cumpriu tarefas de acordo com a sua natureza de tropa a pé e conquistou objetivos de alta relevância para o êxito daquele corpo de exército que a enquadrava.

Sofreu quatro revezes em Monte Castello, por erros de avaliação do comando aliado e, também, pelas próprias carências. Estas, ela superou em combates diretos com o inimigo na linha de frente, em dezembro de 1944 e janeiro de 1945, e não em campos de adestramento à retaguarda. Após a tomada do Monte Castello, a FEB conquistou a confiança das forças aliadas na Itália. Vieram então as vitórias de La Serra, Castelnuovo, Montese e Fornovo.



Imagem: As maiores vitórias da FEB

Como força de nível tático, a FEB foi uma rica experiência calcada principalmente nas ações de pequenas e médias frações e unidades - grupos de combate, pelotões, subunidades e batalhões. Sargentos, tenentes, capitães e comandantes de batalhões e grupos mostraram o valor do soldado brasileiro no maior desafio do combatente. A hora da verdade de enfrentar o fogo inimigo com equilíbrio emocional, competência e coragem.

O LEGADO MORAL DA FEB E DOS PRACINHAS PARA NÓS BRASILEIROS

Devemos lembrar os irmãos que doaram meses de juventude e cujas lembranças alegres e tristes, levaram por toda a vida. Arriscaram-se no cumprimento do sagrado compromisso do soldado: total entrega à Pátria "cuja honra, integridade e instituições" defenderá com o sacrifício da própria vida.

Eles são um exemplo para sermos capazes de igual demonstração de amor ao Brasil e solidariedade aos compatriotas. Somos partes de várias coletividades a quem devemos obrigações e solidariedade. Da família que

nos envolve, da comunidade onde residimos, da instituição ou empresa onde trabalhamos, e, acima de tudo, da nação que nos acolhe, abriga e será a terra que sustentará nossos descendentes.



Imagem: EB – Ontem, hoje e sempre da Pátria a Guarda

Assim como eles fizeram, coloquemos a alma em tudo que empreendermos, pois, se é a mente quem encontra os caminhos, é o coração que remove montanhas e conquista a vitória. Saibamos que uma vitória só é motivo de orgulho e satisfação quando se é capaz de colocá-la em risco na defesa do que é legítimo e justo e de valores morais e éticos.

O maior troféu e símbolo da vitória não é algo material – bens, cargos, prestígio e promoção – mas sim a consciência do dever cumprido de quem triunfa pelo mérito próprio, servindo à Pátria, ao irmão brasileiro, ao Exército, aos companheiros, chefes e subordinados. A FEB foi a afirmação da honra e dignidade do Brasil, do Exército e do Soldado brasileiro.

Para o soldado, ontem, hoje e sempre, é uma honra pertencer ao Exército de Caxias, é motivo de orgulho e felicidade, é ter uma sublime missão e uma nobre razão de viver.

CURRÍCULO



Currículo General de Brigada Veterano
Luiz Eduardo Rocha Paiva

Graduado, mestre e doutor em Ciências Militares, respectivamente, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Pós-Graduado pelo MBA Executivo – Especialização, na FGV, e pelo Curso de Altos Estudos Militares da Escola Superior de Guerra do Exército Argentino. Realizou o Curso de Assalto Aéreo, nível técnico operacional, na 101ª Divisão de Assalto Aéreo do Exército dos EUA.

Foi Instrutor na AMAN, EsAO e ECEME e Observador Militar das Nações Unidas em El Salvador – América Central. Comandou do 5º Batalhão de Infantaria Leve (Regimento Itororó) e, na oportunidade, comandou missão de pacificação no Sul do Pará em conflito entre o MST e fazendeiros locais. Como oficial-general, foi Gerente da implantação do Programa Excelência Gerencial do Exército, Secretário-Geral do Exército e Comandante da ECEME. É professor emérito da ECEME, Diretor de Geopolítica e Conflitos do Instituto Sagres e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Nos últimos anos vem realizando cursos presenciais e a distância, palestras, entrevistas e podcast para canais específicos que trabalham com temas afins.

Artigo 1 – FEB: PARA OS QUE A AMAM E OS QUE A DENIGREM



Imagem: Pracinhas da FEB

FEDERAÇÃO DAS
ACADEMIAS DE
HISTÓRIA



AHIMTB/DISTRITO FEDERAL
ACADEMIA MARECHAL JOSÉ PESSOA
FUNDADA EM 23/04/2011
SUCESSORA DA DELEGACIA
CRIADA EM 15/06/1999

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO DF

ACADEMIA MARECHAL JOSÉ PESSOA

Sede: Colégio Militar de Brasília

SGAN 902 - Conjunto A - Asa Norte

CEP: 70790-025 Brasília - DF

Tels.: (61) 3424-1002 e 3424-1071

ahimtb.df@bol.com.br

MENSAGEM AOS SÓCIOS -14/04/2017

COMEMORAÇÃO DA VITÓRIA DE MONTESE

Pela passagem de mais um aniversário da vitória de Montese, ocorrida em 14-16/04/1945, apresentamos o trabalho do confrade Gen Bda Luiz Eduardo Rocha Paiva que coloca, em seu devido lugar, o valor do soldado do Brasileiro. Há algumas atualizações no texto (01/02/2025).

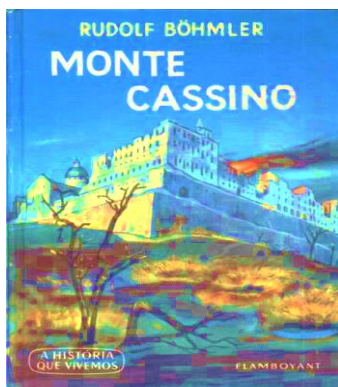


Imagem: Capa do livro

A - Seguem trechos do livro "Monte Cassino" do Coronel Rudolf Bohmler, do Exército Alemão, na 2ª Guerra Mundial. Eu não li o livro e os trechos que coloco a seguir retirei de páginas destacadas de outro livro: "A Verdade sobre a FEB – Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália" (pág 531 a 534) do Marechal Floriano de Lima Brayner, que foi do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Nessa obra, o Marechal Lima Brayner cita as referências feitas à FEB pelo Coronel Bohmler.

O Marechal destaca que os autores alemães fizeram poucas referências à Campanha da Itália e os que a comentaram focalizaram os mais altos escalões do Comando Aliado, sem dar maior atenção à representação do Brasil.

No entanto, o Coronel Bohmler, que comandou uma unidade da 1ª Divisão de Paraquedistas da Wehrmacht na Itália, publicou o livro supracitado, onde dedicou algumas páginas à atuação da FEB. O relato desse oficial alemão é o de alguém com inegável conhecimento de causa, não somente quanto à doutrina, tática e técnica militar, como também por ter vivenciado aquilo sobre o que escreveu. Saibam disso os brasileiros que escrevem denegando a FEB.

Vejamos algumas referências que o coronel fez à FEB em seu livro:

1. "Sabe-se que não é fácil, para uma tropa não acostumada ao combate, ter de lutar contra veteranos experientes, com as divisões e regimentos alemães na Itália. O soldado brasileiro, no entanto, mostrou extrema boa vontade e satisfação, demonstrando, juntamente com seus oficiais, um grande desejo de lutar. Este fato é confirmado pelo Gen. Clark (pág. 308)".

2. "Finalmente, chegou o dia 15 de setembro. Durante a penetração na Linha Gótica [refere-se aos postos avançados da Linha], nas regiões Norte e Noroeste de Florença, a 6ª Força Tarefa brasileira [refere-se à FT com base no 6º RI - Regimento Ipiranga], sob o comando do Gen. Euclides Zenóbio da Costa, atacou, nesse dia, ao longo de uma frente de oito quilômetros, as posições alemães, obtendo terreno e tomando, entre outras, a cidade de Massarosa, nas proximidades do lago Massacincote".
3. "Durante o inverno rigoroso nos Apeninos etruscos, os soldados brasileiros, oriundos de um clima tropical, não tiveram condições fáceis de enfrentar. Neve e gelo, chuvas e tempestades, forçavam-nos a duras missões. Assim mesmo resistiram. Notável, nesse espaço de tempo, foi o ataque da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, em meados de fevereiro de 1945 [refere-se a Monte Castello]. Na região de Vergato, a divisão Brasileira avançou, lado a lado com a famosa 10ª Div. de Montanha [era a divisão norte-americana], contra posições da 232ª Divisão Alemã de Granadeiros, arrebatando-lhes o tenazmente defendido Monte Castello (pág. 309)"
4. "A Divisão Brasileira fez-se notar mais uma vez, quando as forças do 5º Exército (EUA) flanquearam Bologna. Em fins de abril de 1945, quando a 1ª Divisão Blindada e a 34ª Divisão de Infantaria americana efetuaram um avanço a Oeste de Bologna, em forma de leque, através do vale do rio Pó, em direção a Milão e Turim, a 1ª Divisão Brasileira, responsável pelo flanco Sul, alcançou, em poucos dias, a distante cidade de Alessandria (nessa ocasião, a Divisão brasileira aprisionou toda a 148ª Divisão de Infantaria alemã de Forno) Esse avanço arrojado, colhendo o Comando Alemão de surpresa, contribuiu para o rápido aniquilamento das forças itálo-alemãs da Ligúria e, efetivamente, para rendição incondicional do Grupo de Exército C, alemão".

B - Do livro "Sob Fogo" de Michel Goya (BIBLIEx, RJ 2016), escrito em 1962, extraí o trecho a seguir:

"Na campanha da França em 1944, as unidades americanas demoravam cerca de vinte dias para se adaptar ao combate. Os homens tornavam-se então plenamente eficazes durante mais uns vinte dias (a partir daí a eficácia declinava) O ponto de ruptura foi atingido após duzentos e quarenta dias de combate".



Imagem: Capa do livro

C - Acrescento o extrato de um artigo que escrevi a algum tempo: "Lembraí-vos dos Pracinhas"

"No Brasil, alguns analisam a FEB como se ela sozinha tivesse que ser decisiva na guerra e o inimigo fosse irrelevante". Ora, o seu papel foi tático, não estratégico.

É surreal falar de combates e de combatentes sentado à mesa, em uma cadeira confortável, diante de um computador, com um copo sei lá de que e envolvido pelo ar refrigerado. É preciso conhecer tática e história militar para opinar com conhecimento sobre a FEB, diante dos desafios que ela enfrentou. São muitos os que, por servidão intelectual, não questionam opiniões emitidas nas metrópoles culturais, por vezes preconceituosas ou que transferem responsabilidades pelos erros cometidos por seus compatriotas em comando.

A FEB era apenas uma das 99 divisões aliadas (na Europa eram 69 só dos EUA). Estava enquadrada em um dos dois corpos de exército, de um dos dois exércitos aliados, num TO secundário, como foi a Itália. Portanto, sua experiência é a história de combate de pequenas frações, subunidades e unidades, como é a tônica em TOs montanhosos, onde a topografia

favorece o defensor. Sargentos, tenentes, capitães e comandantes de unidades amadureceram e venceram o maior desafio do soldado - enfrentar o fogo inimigo com equilíbrio emocional, competência e coragem.

Hoje, o preparo de uma força de paz de mil militares para o Haiti, onde a ameaça é de gangues armadas apenas de fuzil, leva seis meses. O Brasil de 1943 mobilizou 25 mil combatentes, em um ano, para enfrentar nada menos do que a Wehrmacht. Não se pretende menosprezar a excelente preparação e o trabalho de nossas forças de paz no Haiti, mas sim ressaltar o ingente esforço feito pelo Brasil na preparação da FEB, considerando o seu nível de desenvolvimento no início dos anos 1940.

D - Comentários finais:

1. É difícil estabelecer um período de permanência no front e o correspondente sistema de repouso, à retaguarda, antes de voltar à linha de contato. Assim, o sistema de rodízio depende muito de outros fatores e o normal é que as forças e seus combatentes permaneçam bem mais do que os quarenta dias que seriam o período ideal de permanência no front.
2. Na FEB, o 1º Destacamento (6º RI e algumas unidades de apoio) chegou na Itália em julho de 1944 e entrou em combate em meados de setembro, com menos de dois meses de adestramento final. Até o final de outubro, enfrentou e desalojou forças alemãs que cumpriam missões do tipo "PAG" (postos avançados gerais), a fim de retardar a progressão aliada à Linha Gótica (nos Montes Apeninos), de modo a dar tempo à preparação de uma forte posição defensiva nos citados montes. Ou seja, o batismo de fogo foi exitoso, mas o inimigo não tinha o propósito de não ceder as posições, pois elas não se prestavam a uma defesa em posição, como ocorreria na Linha Gótica mais á retaguarda.
3. O 2º Destacamento chegou na Itália em 06 de outubro de 1944, não completou o seu adestramento final, recebeu o armamento em 19 de novembro e entrou em combate em 29 de novembro, no terceiro ataque ao Monte Castello, em plena Linha Gótica, e após a força americana ter

sido desalojada de Mazzancana, expondo o flanco esquerdo do ataque aos fogos do inimigo.

4. Ao final de novembro, antes desse ataque, todas as forças aliadas na Itália já tinham sido detidas na Linha Avançada dos Apeninos. Os insucessos dos aliados e a chegada do inverno indicavam a necessidade de paralisar operações ofensivas até o final da estação, como aconselha a experiência.
5. A FEB permaneceu na linha de frente durante o inverno, quando as operações ofensivas de todas as forças aliadas foram suspensas. As constantes escaramuças e as patrulhas realizadas em dezembro, janeiro e fevereiro fizeram a adaptação do pracinha e das unidades brasileiras às ações de combate. Ao final da estação, ela participou ativamente da ofensiva da primavera até o final da guerra, em curva ascendente de eficácia, o que a caracteriza como exceção à regra do "ponto de ruptura" de 240 dias no front, pois ficou ininterruptamente 239 dias em combate. Das divisões dos EUA que combateram no Norte da África e Europa entre novembro de 1943 e maio de 1945, apenas 12 estiveram ininterruptamente mais dias no front.

A FEB foi a afirmação da dignidade nacional diante das afrontas nazifascistas afundando navios e matando mais de mil brasileiros. Nossos irmãos e irmãs Pracinhas honraram a Pátria com o risco ou o sacrifício da própria vida. Muitos não voltaram para viver as alegrias e conquistas de uma vida plena, trabalhando, constituindo família e criando filhos.

Os que voltaram foram esquecidos. Infelizmente é como disse o Padre Antônio Vieira (1608-1697): **"se servistes à Pátria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma."**

Artigo 2 – A FEB - FEITOS e VALORES: legado para o Exército e o Brasil de hoje

Gen Bda R1 Luiz Eduardo Rocha Paiva¹

(Artigo publicado na Revista Saber do Colégio Militar de Brasília em 2015)

RESUMO: O artigo começa com a síntese da situação do Brasil nos anos 1930 - 1940, destacando suas graves carências. A seguir, é explicado como se deu o envolvimento do País na 2ª Guerra Mundial e as dificuldades para preparar e enviar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Europa. São feitas considerações sobre os ensinamentos da História Militar a respeito do batismo de fogo de tropas inexperientes. E, então, se passa ao relato do roteiro da FEB, resumindo a situação militar encontrada na Itália e suas principais ações nos conflitos. Os combates de Monte Castello e Montese são apresentados de forma detalhada e com farto apoio de figuras. Em seguida, antes de finalizar, é discutido o legado da FEB e sua importante contribuição para o amadurecimento político e o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Em 8 de maio de 2015, comemorou-se em todo o mundo os 70 anos da vitória aliada na 2ª Guerra Mundial, o maior conflito armado de todos os tempos. No Brasil, houve alguns eventos para lembrar os feitos da FEB e seus pracinhas, vivos e mortos, que combateram gloriosamente nas montanhas italianas, bem como para homenagear os irmãos brasileiros vítimas dos submarinos nazifascistas em nosso litoral. Mas eles e elas mereciam muito mais!

¹ General de Brigada da Reserva, pesquisador do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército, ex-comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Filho de um veterano da FEB.

Este artigo pretende contribuir para a Nação, principalmente sua juventude, valorizar a História da Pátria, mostrando como irmãos brasileiros de uma geração passada responderam com coragem à afronta lançada à dignidade nacional. A Nação foi desafiada por um inimigo, cuja ideologia totalitária e racista o levava a se considerar uma raça superior, destinada a dominar o mundo. Os pracinhas deram um exemplo de como deve ser e proceder um povo que pretende ver sua Nação respeitada e considerada no cenário mundial.

Pretendo mostrar como o Brasil foi capaz de superar enormes carências e dificuldades e, realizando um notável esforço, participar diretamente do conflito com uma força expedicionária que, superando revezes iniciais, colheu brilhantes vitórias sobre a poderosa e temida Wehrmacht alemã. O mestiço *tupiniquim* derrubou o mito da super raça germânica. Quero mostrar como o brasileiro, patriota por natureza, é capaz de realizar feitos notáveis quando liderado por quem lhe inspira confiança e camaradagem. A descrição dos combates de Monte Castello e Montese comprova o valor de nossa gente, mas esses são apenas dois dos muitos exemplos de heroísmo que pontuam a História do Brasil e de seu Exército.

Em síntese, pretendo exaltar a FEB como exemplo de feitos memoráveis, um livro sobre valores e virtudes morais e cívicas e um legado extraordinário a ser conhecido e cultuado por todas as gerações de brasileiros.

2. O BRASIL NOS ANOS 1930 – 1940

O Brasil, assim como as potências mundiais vivia a era industrial, mas ao contrário delas era um dos países que ainda não entrara na revolução industrial, sendo importador de produtos até mesmo de primeira necessidade e dependente da monocultura do café para auferir recursos de exportação. O Brasil, na era industrial, não tinha indústrias.

ANOS 1930: O BRASIL NÃO ENTRARA NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- População: 40 milhões - 28 (Rur) + 12 (Urb).
- Condições Sanitárias: **doenças endêmicas**.
- Mortalidade Infantil: **taxa altíssima**.
- Infraestrutura Precária: **Sau, Energ, Trnp, Serv**.
- Sem legislação trabalhista.
- Importava produtos essenciais e industriais.
- Exportação: **café**.



■ 60%
analfabetos



Imagem: O Brasil nos anos 30

A população era de 40 milhões de habitantes, com 28 milhões vivendo no campo e 12 milhões nas cidades. As condições de saúde e sanitárias eram muito precárias, o que facilitava a propagação de doenças, sendo grande o número de brasileiros com tuberculose, doença de chagas, hanseníase, sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis. A taxa de mortalidade infantil era, também, muito elevada.

A infraestrutura de transportes refletia um país com população mal distribuída, adensada no litoral e em poucos núcleos de porte médio no interior. No tocante à educação, o analfabetismo beirava os 60% da população. A malha rodoviária, além de muito incipiente, não era asfaltada e a ferroviária não supria as necessidades do País, concentrando-se no Sudeste e com alguns ramais no Nordeste e no Sul, em áreas mais populosas próximas ao litoral, não muito diferente da configuração atual. Dessa forma, era grande a dependência do transporte marítimo, cuja navegação oferecia alto risco pela ameaça dos submarinos do Eixo. O fornecimento de energia elétrica sofria constantes interrupções, haja vista a baixa capacidade instalada para atender à demanda residencial nos

centros urbanos e a das fábricas, sendo ainda mais deficiente para suprir as áreas rurais onde vivia a maioria da população.

A Revolução de 1930, que depôs o Presidente Washington Luís, substituiu a liderança do eixo São Paulo - Minas Gerais e deu espaço para a ascensão de novas correntes políticas engajadas na industrialização do Brasil. Essa nova liderança marcou o início da evolução política, econômica e social do País, que foi passando, paulatinamente, de rural e agrário a urbano e industrial. A urbanização, a industrialização e o aumento da imigração de contingentes europeus e japoneses ensejaram o crescimento da classe média, a melhoria das condições de vida nas cidades, a expansão da educação, o fortalecimento de ideais democráticos mas, também, a introdução das ideologias comunista, socialista e nazifascista oriundas da Europa.



Imagem: O Brasil na Era Vargas

Em 1937, o Presidente Getúlio Vargas, alegando ameaças de ideologias totalitárias decretou o Estado Novo e implantou uma ditadura que permaneceu no poder até 1945. A Constituição de 1937 decretou a supremacia do Executivo sobre o Legislativo, extinguiu os partidos políticos, aboliu as eleições, fechou o Congresso Nacional, acabou com a liberdade de imprensa e decretou o fim do federalismo, passando os estados a serem governados por interventores.

Esse era o Brasil quando eclodiu a 2ª Guerra Mundial na Europa. Mas o que levou o Brasil a participar diretamente do conflito com suas Forças Armadas (FA)?

3. VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA

Um mês após o início das hostilidades, os países do Continente Americano se reuniram no Panamá, em outubro de 1939, e declararam neutralidade na guerra. Porém, seria difícil para todos mantê-la, considerando o vulto do conflito, os interesses em jogo e a expansão geográfica das operações bélicas, que afetaram a todos os continentes. Era o resultado do processo de intensificação progressiva da globalização, embora ainda não claramente perceptível como hoje, que não excluía e ainda não exclui a projeção do poder militar em seus vários propósitos - atrair, pressionar, coagir ou impor.

SETEMBRO 1939 - II GM. POR QUE O BRASIL FOI À GUERRA?

1. Panamá: outubro 1939 neutralidade. Globalização crescente = difícil neutralidade. 2. Havana: julho 1940. 3. Pearl Harbor (1941). 4. Rompimento (1942): – Afundamentos navios; – Guerra (agosto 1942); – FEB + Base Natal (1943); e – Embarque FEB (julho 1944).	 GETULIO ASSINA DECLARAÇÃO de GUERRA 
---	---

Imagem: Por que o Brasil foi à Guerra?

Em julho de 1940 foi a vez de Havana sediar uma conferência dos países americanos e, nessa reunião, ficou decidido que qualquer atentado de um Estado não americano a um país do Continente, comprometendo sua integridade ou inviolabilidade territorial, soberania ou independência seria considerado uma agressão aos demais condôminos. E assim aconteceu quando, em 7 de dezembro de 1941, os japoneses atacaram Pearl Harbor,

território dos EUA no Havaí. Em consequência, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo nazifascista em janeiro de 1942, tendo como resposta o início do torpedeamento e afundamento de navios mercantes nacionais por submarinos alemães e italianos. Foram 35 navios torpedeados, dos quais 33 afundados, causando a morte de mais de mil irmãos brasileiros. Em 31 de agosto daquele ano, o Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália, tendo decidido, em fevereiro de 1943, constituir a Força Expedicionária Brasileira para combater no teatro de operações (TO) europeu. Em julho do ano seguinte, o primeiro contingente da FEB seguiu para a Itália, entrando em combate em 16 de setembro de 1944.



Imagem: Exército Brasileiro em 1943 (a)

Em 1940, o Exército tinha um efetivo de apenas 60 mil homens e uma Missão Militar Francesa prestava orientação operacional à nossa Força Terrestre desde o início da década de 1920. Sem dúvida exitosa na 1ª Grande Guerra, a doutrina francesa se mostrara ultrapassada no conflito em pauta. Assim, o Exército teve de migrar para a doutrina norte-americana, uma vez que a FEB iria integrar um Corpo de Exército dos EUA no TO europeu. Em pouco mais de um ano, foi necessário preparar pessoal para o exercício de novos cargos e para empregar equipamentos e armamentos então desconhecidos. Os manuais de operações precisaram ser traduzidos, a metodologia de planejamento e a tática operacional foram

adaptadas e novas formas de exercer a disciplina e a liderança militar tiveram que ser estudadas, assimiladas e praticadas.

MUDAR DA DOCTRINA FRANCESA ➡ DOCTRINA EUA (1 ANO)	
✓ Cargos, manuais, equipamentos, uniformes armamentos (franceses ➡ americanos). ✓ Métodos / Comportamento: Planejamento, Disciplina, e Liderança.	
✓ Infraestrutura: Reunião para adestramento. ✓ Última guerra: Guerra do Paraguai (70 anos). ✓ Guerra Psicológica Adversa: complexo de inferioridade.	 BRASIL FEB VIROU MOTIVAÇÃO PSICOLÓGICA 77

Imagem: Exército Brasileiro em 1943 (b)

Foi difícil selecionar 25 mil brasileiros aptos para compor a FEB, entre os 110 mil convocados e voluntários, pois as exigências das normas de seleção do Exército dos EUA não eram fáceis de serem atendidas com uma população com tão graves carências sanitárias. As condições de combate no *front* italiano seriam terríveis, particularmente no inverno. Havia outros óbices a dificultar a mobilização, reunião e preparação da FEB. Um deles era o lapso desde o último conflito armado externo do País, a Guerra do Paraguai terminada há 70 anos, e outro óbice foi a *guerra psicológica* adversa, explorando o sentimento de inferioridade de grande parte da população. A contrapropaganda dizia ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil mandar uma força expedicionária para combater o Eixo nazifascista. Em momento de grande inspiração, foi exatamente a figura de uma cobra fumando que passou a ser o símbolo da FEB, como um provocativo autodesafio. Pois o soldado brasileiro, síntese do povo desta Nação, fez o símbolo se transformar em realidade e *a cobra fumou* nos campos de batalha do TO italiano.

✓ Fuzis, metralhadoras, morteiros e viaturas foram recebidos na Itália e eram de fabricação EUA.

✓ Brasil não tinha indústria têxtil desenvolvida:

- uniformes e coturnos X condições TO - EUA;
- meias, luvas, camisas, ceroulas, mantas, lençóis - EUA.

✓ Apoio de CC - EUA, mas o terreno não era favorável a blindados.

EUA: Logística (MB) / Relacionamento (R)




APESAR de TODOS os ÓBICES - A COBRA FUMOU!!!

78

Imagem: A Cobra Fumou

A FEB reuniu gente de todas as regiões do Brasil. Teria sido mais fácil, em termos meramente operacionais, fazer a convocação e reunião apenas na região sudeste e no Rio Grande do Sul, onde as condições de higiene da população eram melhores e se concentravam as unidades mais bem constituídas do Exército. Porém, optou-se por uma decisão de cunho político-estratégico, considerando a importância de a FEB ser um feito nacional e não apenas regional, a servir de exemplo para as futuras gerações de todo o País e fator de coesão nacional. Assim, a composição da força teve mais de 50% de cidadãos do sudeste, cerca de 15% da região sul e outros tantos do nordeste e os demais distribuídos entre as regiões norte e centro-oeste.

O Brasil não tinha indústrias têxteis nem de calçados capazes de produzir uniformes e coturnos em condições de durar no clima e na topografia onde os combates seriam travados. Praticamente tudo, até mesmo meias, luvas, camisas, ceroulas, mantas e lençóis foram fornecidos pelos americanos, cujo apoio logístico foi de primeira qualidade, sendo a opinião de muitos pracinhas que eles se alimentavam melhor no *front* do que em casa no Brasil. Além desse material, o equipamento, as viaturas e o armamento só foram recebidos na Itália, pois os EUA não tinham certeza de que o Brasil mandaria, realmente, uma força expedicionária para a Europa e não queriam desperdiçar meios caso isso ocorresse.

As potências viam o Brasil como um país pleno de recursos, mas subdesenvolvido, periférico e mestiço, como se essa última característica fosse algo negativo. Havia um misto de desprezo, benevolência, interesses e preconceito racial similar ao arianismo alemão, que se estendia, logicamente, ao soldado brasileiro. Eis aí um grande desafio a vencer, pois a tendência seria uma cobrança de resultados sem considerar a inexperiência que, normalmente, prejudica o desempenho de tropas novatas, de qualquer país, ao entrarem em operações.

4. NA GUERRA O INÍCIO É SEMPRE DIFÍCIL

No início de 1943, o emprego de tropas inexperientes do Exército dos EUA na Tunísia resultou em significativas e, segundo alguns estudiosos, humilhantes derrotas impostas pelo veterano *Áfrika Korps* de Rommel em distintos combates durante a Batalha de Passo Kasserine. O batismo de fogo do Exército dos EUA, no *front* do Atlântico, na 2ª Guerra Mundial é assim relatado por AMBROSE (pag. 166 e 169):

“A Batalha de Passo Kasserine envolveu veteranos [alemães] e novatos [norte-americanos] --- o verdadeiro problema, antes e durante a batalha, era se os americanos impediriam que uma derrota tática se transformasse em um desastre estratégico. E isso eles conseguiram. O problema depois da batalha era se eles aprenderiam com os seus erros” (traduzido por este autor).

Além de destacar a falta de experiência das tropas norte-americanas, o mesmo autor aponta as deficiências observadas na sua preparação:

“Elas não receberam treinamento intensivo nos EUA [...] levou meses para que recebessem seu equipamento e, então, o treinamento na Inglaterra ficou difícil [...] Os oficiais e soldados mostraram essa falta de adestramento” (traduzido por este autor).

Mas não foram só os norte-americanos, mas também ingleses e franceses sofreram sérios reveses quando seus exércitos não preparados e sem

experiência foram batidos em Dunquerque (França) e no sudeste da Ásia entre 1939 e o início de 1943.

Anos mais tarde, no início da Guerra da Coreia em 1951, o Exército dos EUA entrou no conflito com soldados convocados, ao contrário dos Fuzileiros Navais (*Marines*) que empregavam soldados profissionais. O inimigo era o Exército da Coreia do Norte que, então recentemente, tinha concluído sua participação na Revolução Chinesa, combatendo durante anos ao lado das vitoriosas forças de Mao Tse Tung. O resultado nos primeiros combates foi o mesmo de Passo Kasserine, exceto os *Marines* que, embora sofressem reveses importantes, demonstraram disciplina de combate, equilíbrio emocional e preparo profissional.

É a História Militar quem explica os reveses da FEB, nos primeiros meses no *front*, ao entrar em choque com as fortes posições na cadeia dos Montes Apeninos, defendida por um inimigo experiente, aguerrido, com efetivo suficiente e bem equipado. Portanto, atacar, recuar em ordem e permanecer no *front* sem ser substituída foi um mérito.

Há quem deprecie as vitórias da FEB por não terem sido decisivas na derrota do Eixo. Ora, ela era apenas uma das 99 divisões de combate aliadas na Europa e em um TO secundário. As suas vitórias foram compatíveis com uma divisão de Infantaria a pé (sem blindados), sendo importantes para o IV Corpo de Exército do Exército dos EUA ao qual pertencia. A FEB, como qualquer divisão, era do nível tático e não estratégico. Substituiu um Corpo de Exército dos EUA e o Corpo Expedicionário Francês, ambos veteranos, que foram transferidos para o TO prioritário na França, o que constituiu mais uma contribuição para a campanha aliada. A FEB entrou em combate com preparação incompleta e venceu difíceis desafios até se tornar uma força combatente eficaz, que demonstrou o valor da gente brasileira e projetou o Brasil no mundo.



Imagem: O Brasil não estava preparado para uma guerra

5. A CHEGADA NO TO ITALIANO E O ROTEIRO DA FEB

A FEB chegou à Itália com o primeiro contingente em julho de 1944, o qual entrou na fase final de preparação e teve seu batismo de fogo em 16 de setembro, atuando exitosamente contra posições avançadas alemãs diante cadeia de montanhas dos Apeninos.

Naquele momento, o norte da Itália estava em mãos da Wehrmacht, que vinha conduzindo uma eficaz ação retardadora de nível estratégico, desde a Sicília, aproveitando as sucessivas linhas de alturas ao longo da península italiana, onde eram excelentes as condições de defesa. Seu objetivo era impedir o acesso ao sul da Alemanha, já engajada em uma luta mortal ao leste contra a URSS e ao oeste contra os demais aliados, pois uma terceira frente aberta, próximo ao coração daquele país, lhe seria fatal. Além disso, era importante para o esforço de guerra alemão a posse do norte da Itália, por sua base industrial, e por ser um elemento de barganha relevante em uma eventual negociação de paz com os aliados. Portanto, é muito simplório o argumento de que o Exército Alemão estivesse combatendo sem o engajamento dos anos anteriores, pois além dos motivos destacados, isso não combina com o histórico e as tradições daquele país.

Os aliados tinham o V Exército dos EUA a oeste e o VIII Exército Britânico a leste, os dois enquadrando tropas de seus países e de outros aliados. A FEB foi enquadrada pelo IV Corpo de Exército (IV CEx) do V Exército de Campanha (V Ex) dos EUA.

Após a conquista de Roma, o prosseguimento dos aliados na Itália visava a conquista de Bolonha, a fim de abrir o acesso ao norte da península, onde poderia impedir a retirada das forças inimigas para os Alpes, de modo a proteger o sul da Alemanha. O comando aliado tinha o propósito de chegar a Bolonha antes do Natal de 1944, mas a poderosa defesa alemã nos Apeninos conseguiu barrar a ofensiva anglo-americana em toda a frente, inclusive na que tocou à FEB. Após os insucessos de novembro e dezembro, as operações aliadas foram interrompidas pela chegada do rigoroso inverno europeu, só sendo retomadas em fevereiro de 1945.

Os *pracinhas* entraram em operações a partir de Livorno, onde começou o roteiro da FEB (figura 1). As primeiras ações, em meados de setembro de 1944, tiveram como unidade base o 6º Regimento de Infantaria (Regimento Ipiranga de Caçapava-SP) e venceram posições de retardamento alemãs diante dos Apeninos, onde duas poderosas linhas sucessivas de defesa – *Linha Gótica* e *Linha Gengis Cã* – bloqueavam a progressão para o norte, respectivamente, em Monte Castello e Castelnuovo e em Montese e Zocca. Nos Apeninos, ocorreram os combates mais sangrentos e gloriosos da FEB, entre novembro e abril de 1945, com a participação do 1º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio do Rio de Janeiro-RJ), 6º Regimento de Infantaria e 11º Regimento de Infantaria (Regimento Tiradentes de São João Del Rei-MG). Rompida a barreira dos Apeninos, a FEB entrou em aproveitamento do êxito no vale do Rio Pó, para estabelecer contato com os aliados no sul da França. No deslocamento, liderado pelo Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da FEB, foi bloqueada a retirada da 148ª Divisão Alemã, em Collechio-Fornovo. Em 28 de abril, essa divisão se rendeu e foram aprisionados 15 mil combatentes alemães e italianos. Foi a primeira vez que uma Divisão da Wehrmacht se rendeu aos aliados na Itália.

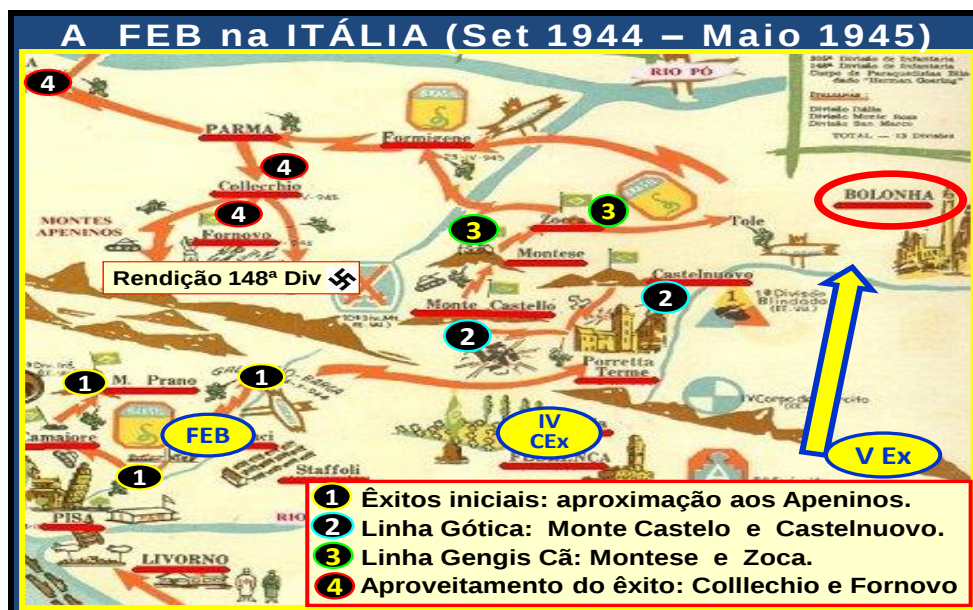


Figura 1: Roteiro da FEB na Itália.

Imagem: *HISTÓRIA E INFORMAÇÃO* (acesso 22-06-2015). Inscrições adicionadas pelo autor. Disponível em: <http://robertobondarik.blogspot.com.br/2011/09/cornelio-procopio-itangua-monte-Castello.html>

Nos Montes Apeninos é que se travou a grande batalha da FEB. Muitos civis, inclusive escritores, desconhecem que batalhas duram semanas ou meses e são uma sucessão de combates com avanços, paradas temporárias e recuos. Monte Castello era um dos pontos fortes no limite avançado da Linha Gótica e foi um dos duros combates para rompê-la, como será descrito a seguir.

6. MONTE CASTELLO TRIUNFO DA VONTADE E AFIRMAÇÃO DO VALOR

Entre 24 de novembro de 1944 e 21 de fevereiro de 1945, houve cinco ataques à região de Monte Castello, que causaram 423 baixas às forças brasileiras e 1,5 mil ao inimigo. Os ataques realizados em novembro e dezembro de 1944 não tiveram êxito por vários motivos (figura 2).

Os dois primeiros ataques, em 24 e 25 de novembro, foram realizados sob o comando norte-americano e com participação forças dos EUA e da FEB. O alemão demonstrou mais uma vez seu valor como combatente e a

importância conferida à posição, pois a cada sucesso brasileiro ou americano, contra atacava e recuperava o terreno perdido. No ataque de 29 de novembro, sob comando da FEB, o Regimento Sampaio foi empregado antes de completar seu adestramento, tendo realizado uma desgastante e longa marcha noturna sob chuva forte, chegando à posição de ataque em cima da hora e iniciado a ação em jejum. Para agravar a situação, na noite de 28 de novembro, o alemão contra atacara em Belvedere - Mazzancana e desalojara a força norte-americana que protegeria o flanco do Regimento Sampaio, cujo ataque recebeu fogos de frente e de flanco.



Figura 2: Direções dos ataques sem êxito a Monte Castello

Imagem: Google earth (Itália – Emilia Romana – Gaggio Montano – Montese). Inscrições adicionadas pelo autor.

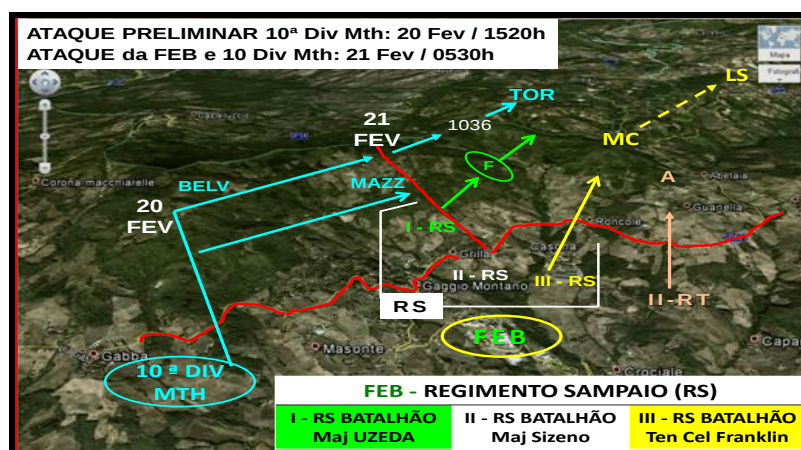
O fracasso da ofensiva anglo-americana contra Bolonha, em toda a frente dos Apeninos, indicava a necessidade de uma parada tática e o início do inverno, que seria o mais rigoroso há décadas, aconselhava esperar o fim da estação para retomar operações de movimento. O comando aliado avaliou mal o valor defensivo do terreno, o poder de combate necessário para derrotar o inimigo e os efeitos das condições climáticas. As chuvas e a falta de teto impediam apoio aéreo e a lama restringia o apoio de blindados. A região montanhosa permitia a defesa com força reduzida, ainda mais por um exército aguerrido, equipado e experiente, reconhecido como o mais profissional do mundo. O General Mascarenhas de Moraes, comandante da

FEB, sempre alertou que o efetivo empregado nos quatro ataques sem êxito a Monte Castello era insuficiente. No entanto, os reverses também se deveram, evidentemente, à nossa inexperiência e preparação incompleta. Essas deficiências foram superadas durante a paralisação das ações ofensivas de vulto, entre dezembro de 1944 e janeiro de 1945, quando as operações se resumiram aos confrontos entre pequenas frações, principalmente nas inúmeras patrulhas de combate e reconhecimento realizadas naquele inverno. A FEB se adestrou, de fato, no front e não em campos de instrução à retaguarda. Até então, atacar, recuar em ordem e permanecer no front sem ser substituída já fora um mérito.

Em meados de fevereiro de 1945, o comando aliado retomou a ofensiva sobre Bolonha, cabendo ao IV CEx a conquista da linha de alturas Monte La Torraccia - Monte Castello, para iniciar o rompimento da Linha Gótica em sua zona de ação. O IV CEx tinha recebido uma experiente divisão norte-americana, especializada em operações de montanha – a 10ª Divisão de Montanha (10ª Div Mth). Até então, a FEB atuara em Monte Castello ao lado de forças do Exército dos EUA compostas, em grande parte, pela reunião de remanescentes de unidades de artilharia antiaérea e de outros apoios, reunidos na Task Force 45, após aquelas unidades serem transferidas para a França, haja vista a limitada atuação da Luftwaffe na Itália.

A narrativa a seguir tem como base o livro de UZÊDA (pag. 91). O ataque a Monte Castello (MC) começaria por uma ação preliminar da 10ª Div Mth em 20 de fevereiro, sobre Belvedere - Mazzancana, onde iria criar um flanco na posição alemã, facilitando o avanço da FEB para conquistar MC (figura 3). A força brasileira partiria de Mazzancana para MC às 0530h de 21 de fevereiro, tendo a divisão americana em seu flanco esquerdo, retomando a progressão à mesma hora para conquistar La Torraccia. O comando do IV CEx acreditava poder apoiar, desde La Torraccia, o assalto a MC, mas a evolução do combate fez acontecer exatamente o contrário. Após a conquista de MC, a FEB prosseguiria para conquistar La Serra, ou seja, o

A FEB atacou MC com o Regimento Sampaio (RS), tendo um batalhão do Regimento Tiradentes (RT) à sua direita para conquistar Abetaia. O RS empregou o I batalhão (I - RS, em verde na figura) à esquerda, para conquistar Fornace e cota 875, ficando em condições de prosseguir até cota 930 (entre MC e cota 1036). O III batalhão (III - RS, em amarelo na figura) ia à direita, realizando o ataque principal para conquistar MC, e o II batalhão (II - RS, em branco na figura) ficou em reserva. Após a conquista de MC, os três batalhões ficariam em condições de prosseguir para La Serra, particularmente o II - RS.



*Google Earth (Itália - Emilia Romana - Gaggio Montano - Montese).
Inscrições adicionadas pelo autor.*

No final da tarde de 20 de fevereiro, a 10ª Div Mth conquistou Belvedere e Mazzancana, com o apoio aéreo do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira (o Senta a Púa). Assim, às 0530h de 21 de fevereiro, após alguns entreveros com remanescentes alemães em Mazzancana, o Regimento Sampaio desembocou no ataque (figura 4), tendo a 2ª Companhia de Fuzileiros (2ª Cia – Cap Ramalho) do I - RS se infiltrado antes do nascer do sol e da hora do ataque, surpreendendo a posição alemã e conquistado seu objetivo em Fornace, de onde passou a apoiar o III – RS, ataque principal do regimento, e a 3ª Cia (Cap Yedo Blauth) do seu batalhão, que vinha à sua esquerda para conquistar cota 875.

O III - RS ficou detido e a 3ª Cia do I - RS, que prosseguia para cota 875, recebeu fogos de sua esquerda, da região de cota 1027. A 10ª Div Mth deveria ter partido para cota 1036 às 0530h, mas um contra-ataque alemão a impediu de iniciar sua progressão simultaneamente com o I - RS. Em consequência, a cota 1027, que deveria estar de sua posse, ainda estava em mãos do inimigo. Assim, o comandante da 3ª Cia empregou um dos seus pelotões (Pel) de primeiro escalão (Ten Brandi) para eliminar a posição de 1027, o que foi conseguido com esforço. Esse contratempo levou à redução do ritmo de progressão da 3ª Cia, pois o Pel do Ten Brandi fora desviado do objetivo inicial, reduzindo o poder de combate empregado sobre a cota 875. O Cap Yedo empregou, então, o Pel reserva pela direita que, após um renhido combate, conquistou o objetivo.

Às 0800h, a situação era a seguinte:

- o III - RS, ataque principal a MC, estava detido nas encostas do monte;
- o II - RT estava acompanhando o III - RS, a meio caminho de seu objetivo - Abetaia;
- a 10ª Div Mth não ultrapassara a linha de partida, pois sofria um contra-ataque alemão;
- o I - RS, ataque secundário, estava progredindo com êxito e já conquistara a linha Fornace - cota 875, tendo conquistado também cota 1027, que antecedia a cota 1036, na zona de ação da 10ª Div Mth, após coordenar as ações com aquela divisão.

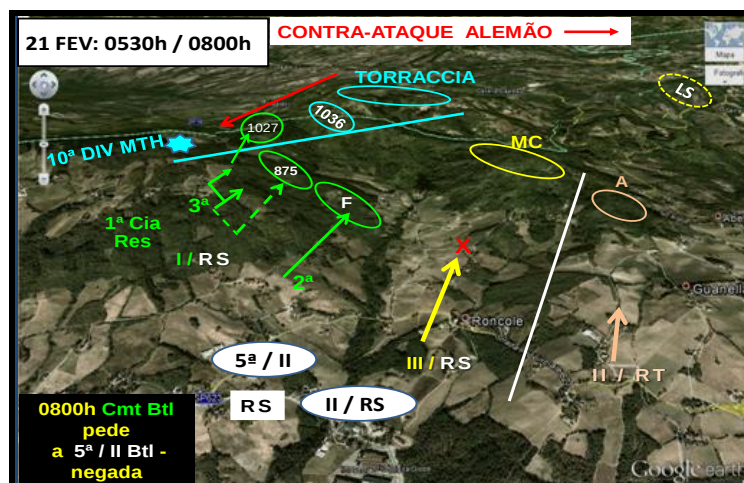


Imagem: Google Earth (Itália - Emilia Romana - Gaggio Montano - Montese). Inscrições pelo autor.

A 1ª Cia progrediu com dois pelotões de fuzileiros, ultrapassando a 3ª Cia, e atacou cota 1036, coordenando com a 10ª Div Mth, pois ela estava na zona de ação do vizinho (figura 5). O pelotão do Ten Aquino conquistou cota 1036 e lançou-se sobre cota 930, entre a anterior e o MC. A artilharia da FEB intensificou seus fogos que, auxiliados pelos fogos de flanco, das

posições conquistadas em cota 1027 e 1036, lograram deter o contra-ataque alemão. Como resultado dessas ações, a 10ª Div Mth pôde reiniciar seu ataque a Monte de La Torraccia já bem à frente, a partir de cota 1036, e o III - RS retomou sua progressão, provavelmente, por que os alemães em MC tenham deslocado parte do dispositivo para fazer frente ao I - RS, que ameaçava seu flanco direito. Eis o ataque secundário cumprindo o seu papel doutrinário de facilitar a progressão do ataque principal.

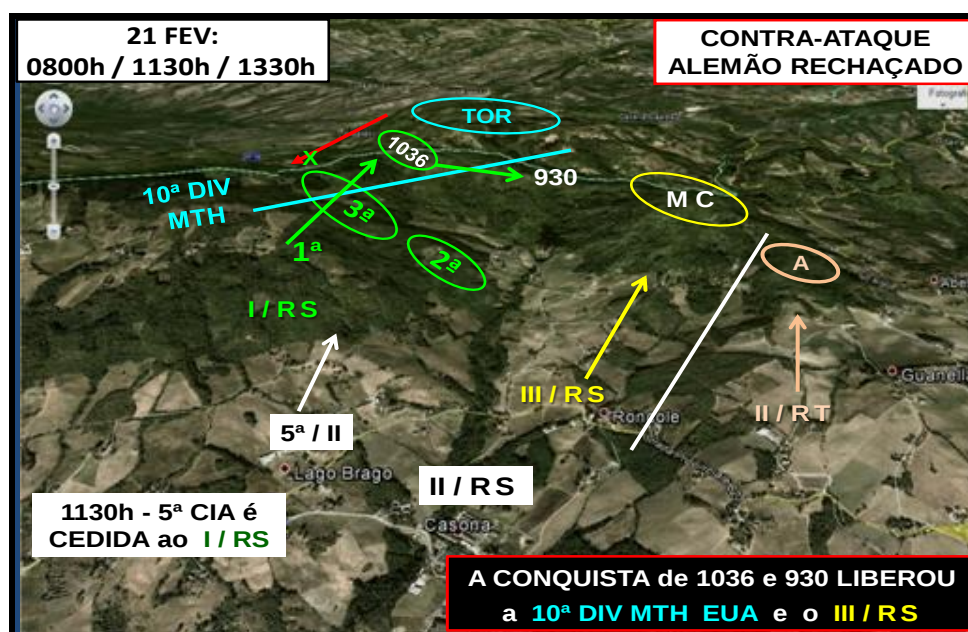


Figura 5: Evolução da situação entre 0800 e 1330h

Imagem: Google earth (Itália – Emilia Romana – Gaggio Montano – Montese). Inscrições pelo autor.

Diante do êxito do ataque secundário, o Cel Caiado atualizou seu estudo de situação e decidiu reforçar o I - RS com a 5ª Cia do II - RS.

Entre 1330h e 1500h, a 1ª e a 3ª Cia do I - RS e a 5ª Cia do II - RS, recebida em reforço, cerraram para a região entre cota 1036 e MC (cota 930), a fim de tomar o dispositivo para assaltar o monte (figura 6). O III - RS, ataque principal, também progredia com maior impulsão e tinha o II - RT à sua direita avançando para Abetaia e impedindo que o inimigo batesse o flanco do III - RS. Às 1500h, o I - RS estava com suas Cia em condições de investir sobre MC, mas ocorreu um fato insólito. Uma das Cia da unidade da 10ª Div Mth, que iniciava seu deslocamento para cota 1036, se perdeu

e entrou na zona de ação da 2ª Cia do I – RS em Fornace, inclusive, atacando uma posição dessa subunidade e matando um soldado brasileiro por engano. A Cia norte-americana continuou e se colocou entre as três Cia que se preparavam para flanquear o monte, e o próprio MC. Houve um retardo de uma hora até o problema ser resolvido com a saída da tropa americana de zona de ação do batalhão. O alemão teve, por isso, a possibilidade de retirar do MC parte do efetivo que o defendia e algum armamento pesado, ciente de que a posição não poderia mais ser mantida.

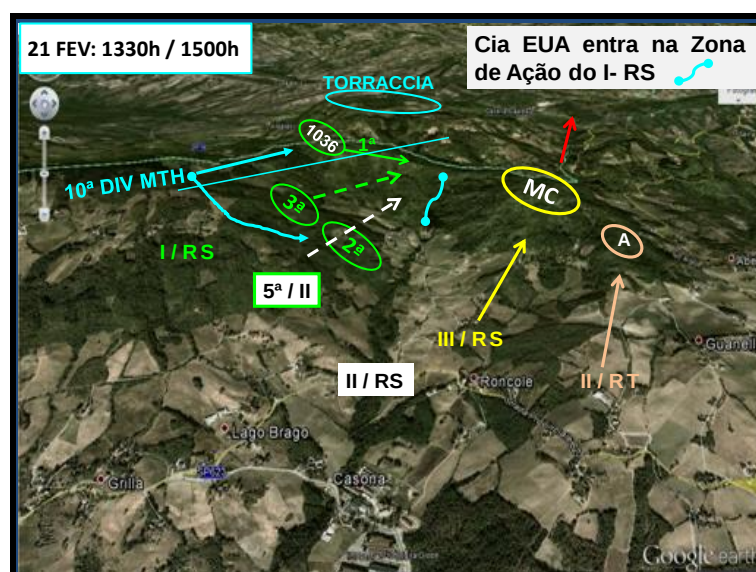


Figura 6: Situação entre 1330 e 1600h

Imagem: Google Earth (Itália - Emilia Romana - Gaggio Montano - Montese). Inscrições pelo autor.

Por volta das 1600h, após uma intensificação vigorosa dos fogos da artilharia da FEB, martelando o MC, o I - RS assaltou a posição e por volta das 1730h, chegavam ao objetivo esse batalhão e o III - RS, havendo até hoje uma disputa pelo *troféu* de ter sido o primeiro a chegar àquele que se tornara uma questão de honra para a FEB (figura 7).

A 10 Div Mth só conquistou La Torraccia no dia seguinte, tendo contado com o apoio de fogo da FEB realizado de MC. O II - RS atacou e conquistou La Serra em 24 de fevereiro.

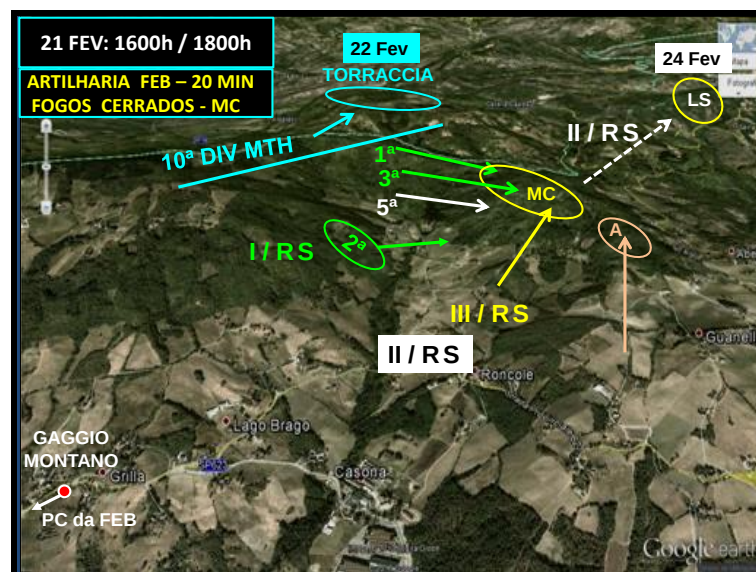


Figura 7: Final do ataque a MC

Imagem: Google Earth (Itália - Emilia Romana - Gaggio Montano - Montese). Inscrições pelo autor.

O General Eisenhower pareceu antever as dificuldades das operações na Itália, ao considerar a topografia e o valor do soldado alemão. Antes mesmo de existir a FEB, ele assim escreveu em carta ao General Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA (ATKINSON): “até o italiano, defendendo um país montanhoso, é muito difícil de expulsar, e o alemão é um problema real. A luta na Tunísia parece oferecer uma boa indicação do que podemos esperar quando encontramos o alemão em posições defensivas (---) onde o terreno é favorável a ele”.

A conquista do Monte Castello e La Serra foi o triunfo da vontade e a afirmação do valor do soldado e da gente brasileira, inspirando a confiança do comando do IV CEx, que se consolidou com as vitórias de Castelnuovo, Montese e Fornovo em março e abril de 1945.

7. MONTESE – A MAIS SANGRENTA VITÓRIA

Em Montese, a FEB lutou o mais sangrento combate do Exército Brasileiro em guerra externa desde a Guerra do Paraguai, realizando uma operação digna dos mais relevantes elogios. O combate começou em 14 de abril, mas só no dia seguinte foi conquistada a famosa torre da vila, pelo Pel do Ten

Iporan, e os alemães começaram a ser varridos da localidade. A consolidação, no entanto, concretizou-se em 16 de abril. Foram 426 irmãos mortos ou feridos e 453 alemães aprisionados. Em homenagem aos “libertadores”, como a FEB ficou conhecida, uma Praça de Montese ganhou o nome *Piazza Brasile*. Egydio Squeff, correspondente de guerra de O Globo, assim escreveu em 16 de abril de 1945:

“Montese já não existe. Nenhuma casa intacta --- podemos avaliar o efeito terrível dos disparos de artilharia. Casas destroçadas, as manchas de sangue assinalam a violência da batalha com que os alemães a defenderam. Portas destroçadas, leitos vazios, cômodos em desordem. Desde que começou a batalha a população abandonou a cidade. Os brasileiros venceram os nazistas, entre os quais se achavam muitos prussianos, num combate épico de ruas, de casa em casa, --- ficaram mortos e feridos muitos combatentes nossos.”

Montese e Zoca faziam parte da Linha *Gengis Cã* na zona de ação da FEB. O rompimento dessa linha de defesa alemã consolidaria a ruptura da cadeia dos Apeninos, garantindo o flanco das forças do V Ex EUA que investiam sobre Bolonha, objetivo principal da ofensiva iniciada em 20 de fevereiro. A partir de Montese e Zoca, a FEB prosseguiria no vale do Rio Pó para fazer junção com os aliados na França e, ao mesmo tempo, teria condições de impedir a eventual retirada de forças alemãs para os Alpes, onde poderiam apresentar nova defesa como, de fato, aconteceu.

Foi o General Mascarenhas de Moraes quem propôs para a FEB o desafio de receber a missão de conquistar Montese, obtendo o concorde do Cmt IV CEx, General Crittenberg. A FEB faria a segurança do flanco esquerdo da 10ª Div Mth.

Montese é uma vila situada mais a esquerda de toda uma linha de alturas que recebeu o mesmo nome. Ao 11º RI (Regimento Tiradentes – RT) coube a missão de conquistar essa linha de alturas e decidiu empregar seus batalhões conforme apresentado na figura 8: o III - RT ao centro, no ataque

principal para conquistar Serreto - Paravento - Montelo; o II - RT à direita; e o I - RT à esquerda para conquistar a Vila de Montese (O1) e cota 726 (O2). Portanto, a vila era um objetivo de um dos ataques secundários do RT. No entanto, foi nela a luta mais acirrada e sangrenta e, pela primeira vez, a FEB envolveu-se em um combate urbano, cujas características são especiais, tais as dificuldades envolvidas. Sua conquista foi feita pela 2ª Cia do I - RT, como é mostrado resumidamente na figura 8. O detalhadamente do ataque a Montese será feito a seguir e tem por base a narração de KLEIN (Cap. 6).

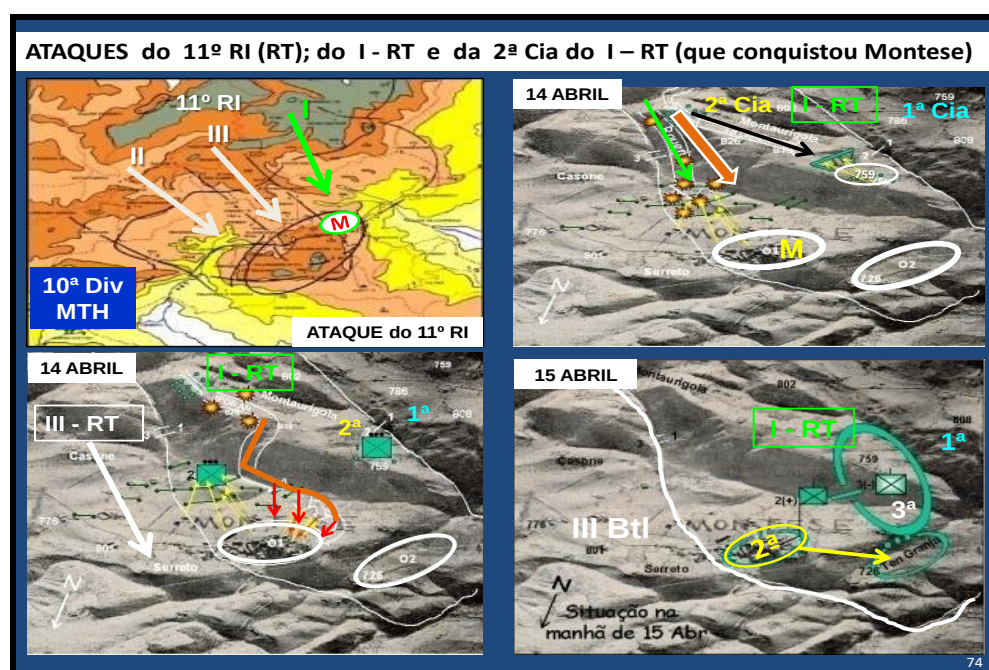


Figura 8: Resumo do ataque a Montese.

Imagens: Conselho Nacional de Oficiais R2: Disponível em: <http://cnor.org.br/forum/viewtopic.php?t=125>. Acesso em: 23-06-2015.

Inserções feitas pelo autor.

O I - RT atacou às 0935h de 14 de abril com a 2ª Cia (Cap Sydney) no ataque principal para conquistar a Vila de Montese (O1) e cota 726 (O2); a 1ª Cia no ataque secundário, protegendo o flanco esquerdo do batalhão; e a 3ª Cia em reserva (figura 9).

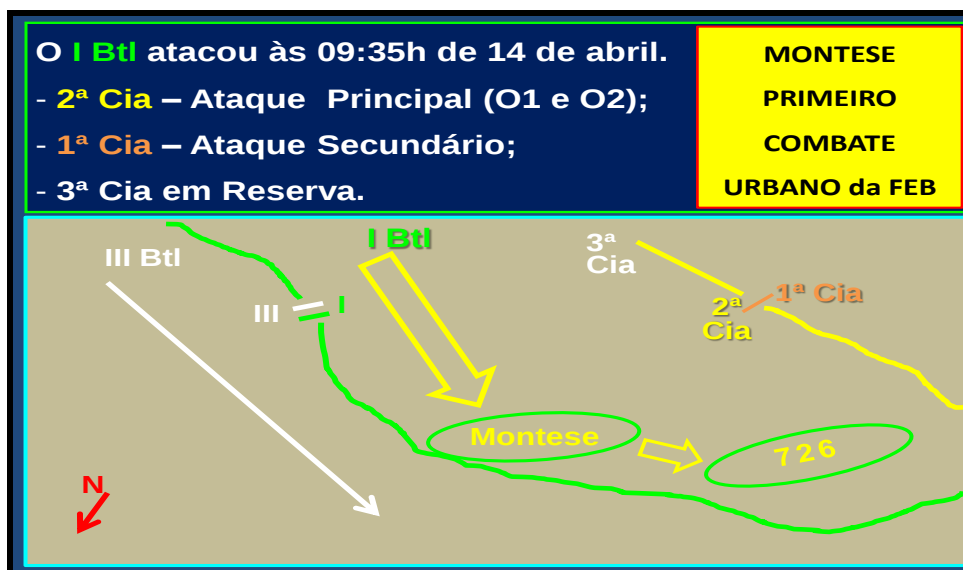


Figura 9: Esquema de manobra do I - RT, que conquistou Montese

A 2ª Cia (figura 10) empregou o 1º Pel (2º Sgt Gonçalves) a esquerda para conquistar cota 759, progredindo por Montaurígola, uma lombada que dominava ameaçadoramente a direção de ataque do 3º Pel (Ten Iporan), ao centro, que tinha à sua direita o 2º Pel (Ten Rauen), ambos dirigindo-se para a Vila de Montese. Por volta das 1100h, o 2º Pel topou com um campo de minas, sofrendo pesadas baixas por ficar, também, sob fogos de metralhadoras, morteiros e artilharia, e permaneceu detido por mais de três horas. O Ten Rauen tentou neutralizar uma posição de metralhadora que causava baixas no Pel e foi ferido mortalmente com um tiro na cabeça.

Às 1330h, o 1º Pel ainda não havia conquistado a cota 759, o que tornava muito arriscada a progressão do 3º Pel ao centro, pois receberia fogos de flanco e da retaguarda. A ordem foi mantida e o Ten Iporan prosseguiu o movimento, lançando o 3º grupo de combate (3º GC), do 3º Sgt Racioppi, em primeiro escalão, para não concentrar um grande efetivo à frente e oferecer alvo compensador ao inimigo em cota 759. Os fogos da artilharia e morteiro alemães haviam cortado as linhas telefônicas, que eram estendidas nos ataques em região montanhosa, pois as comunicações com rádio eram precárias.

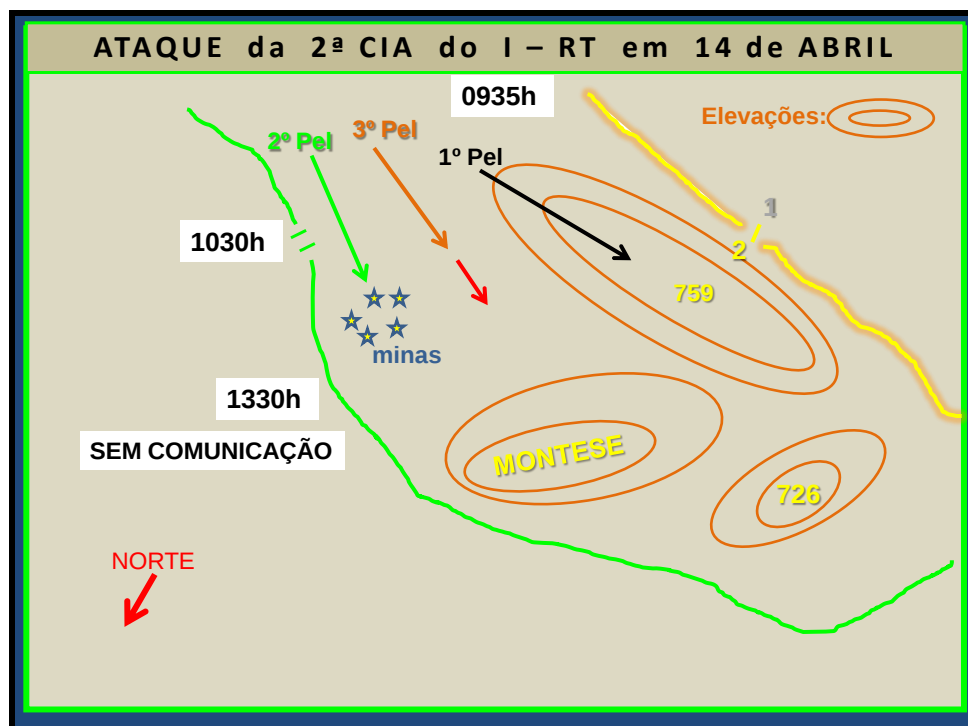


Figura 10: Evolução do ataque da 2ª Cia à Vila de Montese

Após um curto deslocamento, o GC do Sgt Racioppi ficou detido em um campo de minas. O Ten Iporan foi à frente e verificou não ser um campo minado, mas sim de armadilhas improvisadas, o que facilitou sua remoção e o reinício do deslocamento. O Pel seguia o GC do Sgt Racioppi com o 2º GC (3º Sgt Mathias), o grupo de comando e o 1º GC (3º Sgt Rubens) à retaguarda. A cerca de 150 m da orla da vila, o 3º GC ficou detido por fogos vindos da localidade. O Ten mandou o 2º GC manobrar pela esquerda do que estava detido, apoiado pelos fogos deste último, e mandou o 1º GC cerrar à frente.

Neste momento a situação era a seguinte:

- o 3º Pel tinha perdido a ligação com a Cia, pois os cabos telefônicos estavam rompidos e os rádios estavam sem comunicação;
- o Ten Iporan não sabia que o Pel do Ten Rauen estava detido mais à retaguarda e que estava avançando sozinho sobre Montese;
- o Ten Iporan enviou um mensageiro para informar ao Cmt 2ª Cia a posição e a situação do Pel, próximo à vila; e, nesse ínterim,

- o 1º Pel Fzo conquistou a cota 759 e, com isso, a 2ª Cia passava a ter uma reserva constituída por esse Pel, e o Ten Iporan já tinha a sua retaguarda protegida.

Porém, o 2º GC do 3º Pel também foi detido pelo inimigo próximo à orla da vila (figura 11). O Ten Iporan empregou seu último GC, manobrando mais pela esquerda, de modo a aproveitar a proteção do terreno arado que formava “degraus” até próximo ao casario. O 2º Sgt Nestor da Silva², Adjunto do Pel, ficou coordenando a base de fogos realizada pelos dois GC que estavam detidos, a fim de cobrir a progressão do 1º GC e do Cmt Pel.

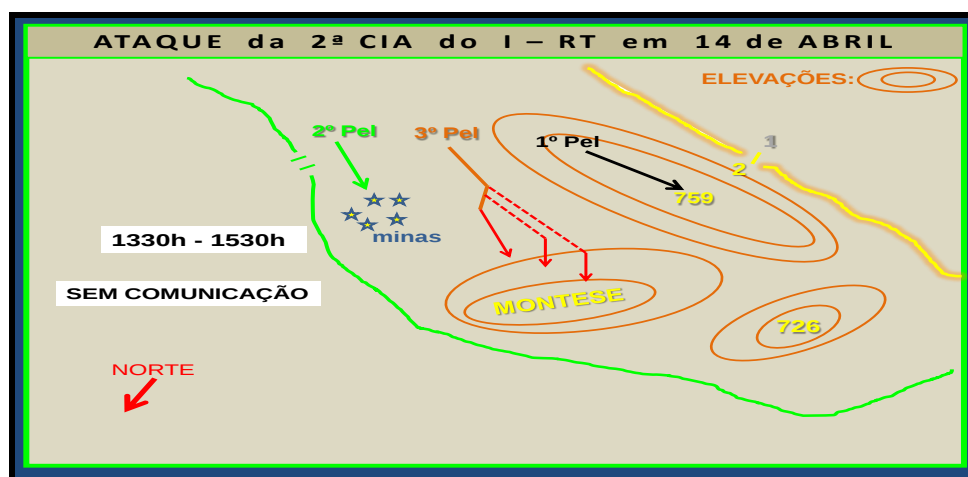


Figura 11: Ataque à Vila de Montese pelo 3º Pel da 2ª Cia do I – RT

O 1º GC progrediu com certa facilidade até próximo à orla da vila, mas a resistência inimiga, com fogos ajustados, retardava seu avanço o que levou o Ten a impulsionar pessoalmente o ataque como último recurso. Quando se encontravam a cerca de 40 metros das primeiras casas, os dois Grupos de Obuses que apoiavam o 11º RI, sem conhecimento da situação do Pel, desencadearam fortes concentrações sobre aquela área. O alemão abrigou-se no fundo de suas trincheiras, para proteger-se dos fogos, e não percebeu que o GC brasileiro, buscando abrigo nas edificações, passou por entre suas posições, aproveitando-se da ação do inimigo de se abrigar no fundo das

² Hoje Coronel reformado, com 107 anos, pai do Coronel de Cavalaria Nestor (Turma AMAN 1972). Foi promovido a 2º Ten durante o ataque a Montese e assumiu o comando do 2º Pel, substituindo o Ten Rauen. Pela sua bravura nesse ataque, recebeu a Cruz de Combate de 1ª Classe.

tocas. Ao saírem dos abrigos, após a suspensão dos fogos de artilharia, os *tedescos* foram surpreendidos pelos brasileiros à sua retaguarda e postos fora de combate.

Às 1530h, o 3º Pel entrou em Montese e o Cap Cmt 2ª Cia mandou o 1º Pel do Sgt Gonçalves se reunir ao Ten Iporan para auxiliar nos combates na localidade. Ao transpor a crista de Montaurígola, descendo da cota 759, a artilharia alemã desencadeou fogos dobre o Pel, causando 19 baixas e forçando o seu retorno à posição anterior.

O 2º Sgt Nestor, adjunto do Pel, com o 3º GC, e o Ten Iporan, com os demais grupos, iniciaram a limpeza das orlas da vila, para consolidar a vitória parcial e preparar-se para rechaçar algum contra-ataque, como era praxe ser feito pelo alemão sempre que perdia uma posição. O 1º e o 2º GC foram reunidos no centro do dispositivo, mas as ações do 3º GC demoraram até o final da tarde, destacando-se que seu comandante, o 3º Sgt Racioppi, permaneceu combatendo mesmo ferido.

Por volta das 1800h, Montese estava nas mãos da FEB e, às 1900h, chegou o Cmt Cia, trazendo os remanescentes do Pel do Ten Rauen e dois Pel (Ten Nunes e Ten Granja) da 3ª Cia, antes na reserva. Começaram, então, as operações de limpeza da vila, ou seja, o combate casa a casa. Durante toda a noite artilharia, morteiros e algumas resistências alemãs ainda não dominadas engajaram as forças brasileiras no casario.

Em 15 de abril pela manhã, o Pel do Ten Granja ocupou a cota 726 (O2), concretizando o cumprimento da missão pelo I - RT (figura 11). Porém, as operações de combate urbano prosseguiram até o dia 16 de abril, sob o maciço fogo da artilharia inimiga. A 3ª Cia estabeleceu posições defensivas na cota 759 (onde antes estava o 1º Pel da 2ª Cia), para barrar um sempre possível contra-ataque alemão.

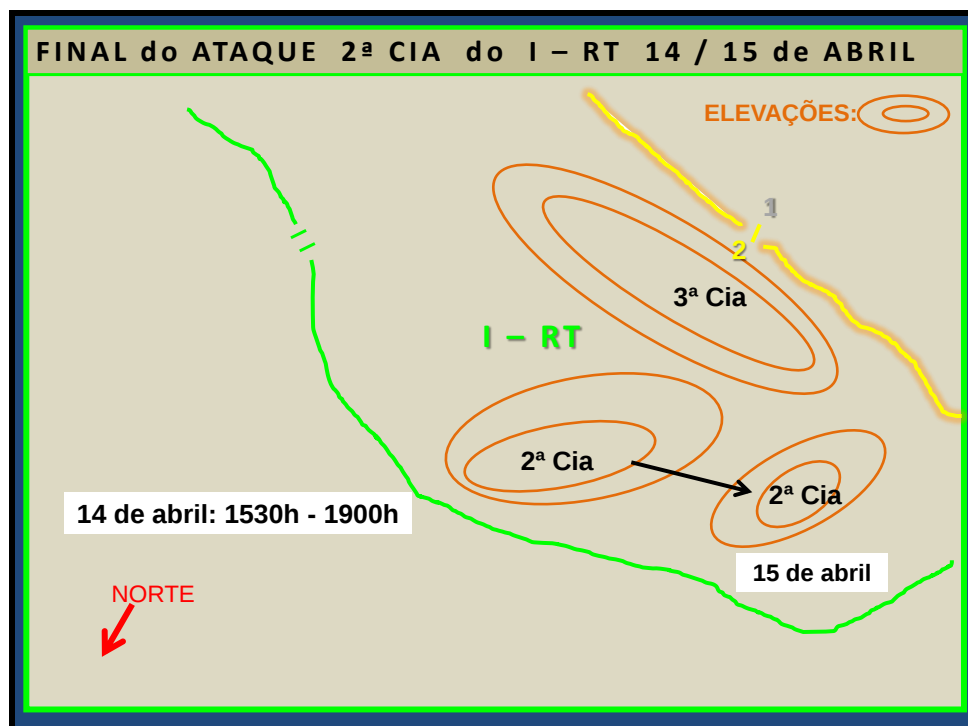


Figura 12: Dispositivo do I – RT para manter os objetivos do batalhão

Montese demonstrou o amadurecimento operacional da FEB como reconheceu o General Crittenberger, Cmt IV CEx, ao se referir de maneira elogiosa à brilhante vitória de nossas forças, as únicas a conquistar os objetivos impostos para 14 de abril: “na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade” (PORTALFEB).

8. O LEGADO DA FEB PARA O EXÉRCITO E O BRASIL DE HOJE

A FEB foi a semente da ascensão do Brasil na América e no mundo. O envolvimento na 2ª Guerra Mundial mostrou que o Brasil precisava se tornar uma potência para garantir sua segurança e que eram necessários planejamentos estratégicos de governo, então inexistentes, para vencer os obstáculos decorrentes da opção de ser forte. O Exército, inspirado e motivado por sua participação na guerra foi um dos principais vetores do *Projeto Brasil Potência*, ainda inacabado. Na guerra, se forjou uma liderança

atuante, com visão de grandeza e compromisso irrestrito com a Nação, cuja experiência e ensinamentos se disseminaram por todos os setores do País, inclusive nas lideranças civis.

No retorno, foi corrigida a incoerência política de o País ter combatido regimes totalitários na Europa e viver sob um regime ditatorial. Getúlio Vargas caiu sem nenhuma reação popular, a despeito da real liderança que ainda exercia no Brasil, caracterizando a opção da sociedade pela democracia. O espírito democrático fincou raízes, fortalecido na convivência com os aliados, e se ramificou em todo o País. Os desafios à democracia ainda seriam vividos ao longo das décadas posteriores, consequências das disputas ideológicas na Guerra-Fria entre os EUA e a União Soviética.

A opção democrática e a convivência com as potências ocidentais na 2ª Guerra Mundial levaram ao alinhamento com o ocidente na Guerra-Fria, com reflexos nos embates políticos internos, agravados pela fragilidade das instituições políticas até o final dos anos 1970. Os anos 1960 e 1970 foram decisivos, mas a opção pela democracia ficou patente no apoio da Nação ao regime militar contra as tentativas da esquerda armada revolucionária de impor o regime socialista no Brasil, financiadas e orientadas por países totalitários socialistas como a União Soviética, Cuba e China. Os presidentes militares sempre reconheceram que o País vivia um regime de exceção, autoritário e não totalitário, e tinham o propósito de redemocratizar o regime, após a neutralização da luta armada, como de fato ocorreu. A influência das potências ocidentais, particularmente dos EUA, cresceu com a participação do Brasil na guerra e ainda hoje é muito forte nos campos econômico, científico-tecnológico, industrial e cultural, embora venha perdendo espaços para outros atores desde o final do século passado.

A FEB projetou o País mundialmente, pois o Brasil foi um dos países aliados convidados a compor as forças de ocupação na Áustria após a rendição alemã. Quando a Organização das Nações Unidas (ONU) discutiu a composição do seu Conselho de Segurança, na Conferência de Dumbarton Oaks em 1944, os EUA propuseram o Brasil para constituí-lo como membro

permanente, mas o Reino Unido foi contra e conseguiu fazer prevalecer a candidatura da França. A partir do conflito, o Brasil passou a compor diversas missões de paz da ONU e a ser um interlocutor cada vez mais consultado em diversos temas da agenda global. No tocante à América do Sul, foi assumindo uma posição de destaque, em comparação com a Argentina, fruto de nossa firme posição adotada no conflito, ao contrário do vizinho, cuja postura fora sempre simpática ao Eixo, só a mudando nos últimos meses da guerra quando o desfecho já estava definido.

Logo após o retorno da FEB, foi criada a Escola Superior de Guerra, primeiro instituto de altos estudos estratégicos do País, cujos métodos de planejamento serviram de base para vários planos e programas de desenvolvimento dos governos a partir dos anos 1950. O País se conscientizara de que precisava se tornar uma potência mundial, pois não poderia ser surpreendido mais uma vez despreparado para se defender como ocorrera ao ser atacado em seu litoral. A projeção internacional estimulou o *Projeto Brasil Potência*, mais uma intenção do que realização de fato, mas que mobilizou todas as expressões do poder em prol do desenvolvimento nacional, visão que prevaleceu até o final dos anos 1980.

A participação do Exército na guerra e seus feitos no TO italiano fortaleceram a credibilidade e a reputação da Instituição perante a Nação, que a ele recorreu em momentos decisivos da história política do Brasil até o início dos anos 1990. O Exército se modernizou e reformou vários de seus setores, tendo desfrutado de um poder de militar terrestre diferenciado na América do Sul, durante algum tempo, embora hoje esteja em condições deploráveis em termos de equipamento e adestramento, não por sua culpa, mas pela baixa prioridade do setor de defesa, agravada desde o início dos anos 1990.

A autoestima, coesão e civismo saíram robustecidos do conflito e foram fatores de motivação para o desenvolvimento nacional, que se concretizou com os significativos avanços em setores da indústria, agropecuária, pesquisa, ciência e tecnologia e serviços.

A FEB também contribuiu para o processo de emancipação da mulher, graças à relevante participação das enfermeiras na Itália, considerando que, à época, eram poucas as atividades profissionais onde as mulheres encontravam espaços. A sua ida à guerra não era bem vista pelas autoridades, ainda que fosse à retaguarda, compondo o Serviço de Saúde, e foi desencorajada oficial e extraoficialmente. Houve tentativas de boicote, inclusive de mulheres influentes na política nacional. As enfermeiras da FEB responderam escrevendo uma história de inestimável valor. Vários livros narram episódios em que se destacam o desprendimento, a competência e a abnegação das brasileiras que serviram à Pátria tão longe. Elas estão entre as precursoras da emancipação das mulheres no Brasil, com destaque, pois demonstraram, com sua capacidade, a possibilidade de aproveitamento do sexo feminino em distintas atividades, inclusive em condições desafiadoras e repletas de difíceis obstáculos.

9. FINALIZANDO

A FEB permaneceu em combate no *front*, sem substituição, durante 239 dias, desde seu batismo de fogo em 16 de setembro de 1944 até a vitória final em 8 de maio de 1945. Poucas divisões do Exército dos EUA, desde o norte da África até à Europa, entre novembro de 1943 e maio de 1945, estiveram ininterruptamente mais dias nas frentes de combate do que a FEB.

O Brasil não estava preparado para uma guerra, mas lavar a honra da Pátria pedia mais do que apenas ceder bases aeronavais aos aliados, como foi feito no nordeste para apoiar a invasão do norte da África em 1942 - 1943. Por ser apenas uma divisão, a essência da história da FEB teria de ser o combate das pequenas frações, companhias e batalhões. Soldados, cabos, sargentos, tenentes, capitães e comandantes de unidades venceram o maior desafio do guerreiro – enfrentar o fogo inimigo com equilíbrio emocional, competência e coragem. É preciso conhecer doutrina, tática e História Militar para avaliar a FEB sem cair na servidão intelectual de aceitar,

sem questionar, opiniões das fontes de *metrópoles culturais*. As do lado aliado, às vezes, dissimularam erros de seus comandos e as do lado alemão, da mesma forma, omitiram feitos de forças mestiças nos reveses sofridos. Ambas revelam preconceito.

Amor à Pátria, sentimento do dever e camaradagem, forjados em riscos comuns uniram os pracinhas, impondo-se às diferenças e preconceitos de cor, credo, classe social e ideologia. A FEB deu ao Brasil a visão de sua grandeza e da posição que precisava ocupar no contexto global. Porém, infelizmente, essa é uma história desconhecida dos brasileiros.

“A história também é fiadora do projeto de uma nação que se pretende grande, perene e respeitada. É o selo desse compromisso transmitido de geração a geração e fortalece a fraternidade entre os cidadãos de um país. Se a história mantém unida a nação, os heróis que conduziram o país em momentos decisivos são os seus protagonistas. Eles se tornam merecedores da gratidão e respeito do povo por tomarem atitudes corajosas e decisivas e assumirem responsabilidades com sacrifício pessoal, em prol da nação, diante de situações extremas. [...] Pátria, história e heróis são símbolos, sínteses e imagens de princípios e valores morais e éticos inspiradores de nobres ideais. Ao enaltece-los, uma nação com vocação de grandeza propõe referenciais de excelência que motivam a busca da perfeição e torna o [seu] povo combativo, disciplinado, altivo, empreendedor e unido. Ou seja, constrói a própria grandeza” (PAIVA).

A FEB é mais cultuada na Itália do que no Brasil. Em todos os locais onde ela combateu ergueu-se um monumento ou lançou-se uma placa em homenagem ao soldado brasileiro libertador. O Padre Antônio Vieira (1608 – 1697) certa vez disse: **“Se servistes à Pátria e ela vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis e ela o que costuma”**.

NOTA DO AUTOR.

O texto contém trechos de outros artigos de minha autoria e de palestras sobre a FEB.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Stephen E. *The Supreme Comander: The war years of Dwight D. Eisenhower*.

(https://books.google.com.br/books?id=QNkL8V7Dcr0C&pg=PA166&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false). Acesso em 22-06-2015.

ATKINSON, Rick. *An Army at Dawn*. New York City – NY. Henry Holt and Co, 2007.

KLEIN, Klaus Erich. *FEB - II Guerra Mundial*. Conselho Nacional de Oficiais R2. (<http://cnor.org.br/forum/viewtopic.php?t=125>). Acesso em 23-06-2015.

PAIVA, Luiz Eduardo Rocha. *Lei Moral, Liberdade e História: tripé da grandeza*. Revista do Clube Militar, Nr 442 (agosto-setembro-outubro/2011).

PORTALFEB. <http://www.portalfeb.com.br/longa-jornada-acoes-em-combate-montese/> (acesso em 23-06-2015).

UZÊDA, Olívio Gondim de. *Crônicas de Guerra*. Alagoas. Imprensa Oficial, 1947.

PESQUISA SOBRE O COMBATENTE DA FEB – CONCLUSÕES

Postado e comentado pelo Gen Bda Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva

A seguir são destacadas algumas conclusões de um trabalho de pesquisa realizado, em 1962, pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército sobre **“O Comportamento do Combatente Brasileiro na Itália”**, com algumas considerações adicionais feitas por mim.

O efetivo da FEB era composto com 32% de cariocas e fluminenses, 16% de paulistas, 12% de mineiros, 8% de gaúchos, 6% de paranaenses e 26% dos demais estados. Embora as unidades do Exército mais completas e preparadas ficassem no eixo São Paulo - Rio de Janeiro - Minas Gerais, além do Rio Grande do Sul, a decisão do governo foi que a FEB seria constituída com brasileiros de todo o País para se tornar um feito nacional e não apenas regional.

Sábia decisão, mas trouxe pesadas servidões, pois os níveis de educação, hábitos de higiene e higidez física variavam muito entre distintas e longínquas regiões. As únicas estradas asfaltadas no Brasil eram no eixo Rio, Minas e São Paulo. Foram inspecionados 110 mil cidadãos para selecionar 25 mil que atendiam aos rígidos padrões exigidos para combater na Europa. Foi um difícil problema transportar para reunir, alojar e satisfazer a todas as necessidades logísticas dos incorporados no Rio, Minas e São Paulo.

Feitas essas considerações, que têm relação com o comportamento humano de um universo tão heterogêneo, passamos às conclusões da pesquisa.

- O combatente brasileiro não se adaptou bem e até reagia a normas disciplinares rígidas, confirmando pesquisas anteriores sobre esse tema em nossa História Militar.

- Submete-se à liderança afetiva de chefes que comandam pelo exemplo e não dos ausentes espiritualmente e insensíveis a esperanças, aspirações, imaginação e sentimentos dos comandados.

Acrescento lembrando um dito castrense sobre o limite do esforço de um soldado. Diz a *lenda* que: o soldado dos EUA vai até onde manda a Constituição; o inglês até onde manda a tradição; o alemão a disciplina e o brasileiro o coração. Por outro lado, sabe-se que, além do senso do dever, um fator de maior motivação é o companheirismo, porque cada soldado sabe que sua vida muito depende dos seus parceiros.

Voltando à pesquisa: como fatores concorrentes para o bom desempenho do combatente brasileiro na Itália e que contribuíram para ele se sentir valorizado socialmente alinharam-se:

- lutar no V Exército de Campanha dos EUA, que dispensava grande atenção e valor à vida e ao bem-estar dos seus soldados e onde o prêmio e o castigo eram distribuídos com isenção e sem favores, além de que com presteza e oportunidade [o apoio logístico norte-americano foi considerado excelente];

- lutar em território com uma população histórica e tradicional, mas então vencida, dominada, submissa, torturada pela fome, desemprego e corrupção e com emotividade semelhante à brasileira [muitos combatentes tinham descendência italiana];

- sentir-se alvo de orgulho no Brasil, de estímulos de sua mídia, de atenções das “madrinhas” de guerra [mulheres enviavam voluntariamente, mesmo sem parentesco, presentes aos Pracinhas], de desvelo de familiares e de brasileiros e de atenções dos superiores;

- ser alvo de interesse geral, boa assistência médica, alimentação jamais sonhada, dinheiro farto, roupa variada e farta e assistência religiosa;

- lutar e ser bem sucedido contra o considerado melhor soldado do mundo; e

- desenvolver fortes laços de camaradagem, na adversidade da guerra, com reflexos no moral elevado, disciplina consciente e sentimento de honra e dever.

Acrescento os depoimentos de dois falecidos veteranos da FEB.

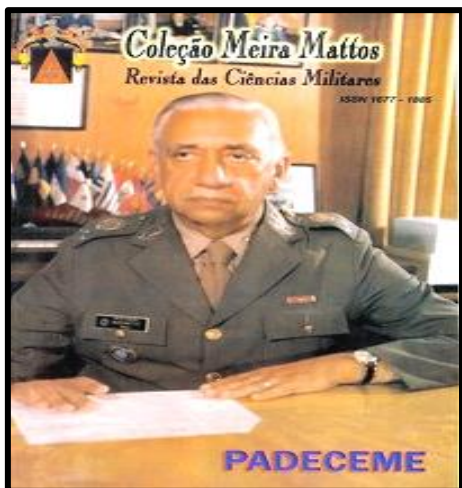


Imagem: Gen Meira Mattos
(Cap na FEB no 6º RI -
Regimento Ipiranga)

- O General Meira Mattos, Capitão na FEB, dizia que os dois fatores mais importantes para a liderança de comandantes de Grupos de Combate (10 homens), Pelotões (40 homens) e Companhias (170 homens) eram a competência profissional e o equilíbrio emocional, esse último despertava a confiança do subordinado de que não seria lançado numa aventura com risco maior do que o necessário para vencer o desafio e sobreviver.

- O General Paulo Campos Paiva, Tenente na FEB, dizia que as Companhias comandadas por bons Capitães tiveram muito bom desempenho na Itália, pois eles conseguiam manter o controle e a confiança dos subordinados, seja nas vitórias, seja nos reveses. Ele afirmava que *os alicerces* de um Batalhão são os seus Capitães Comandantes de Companhias.

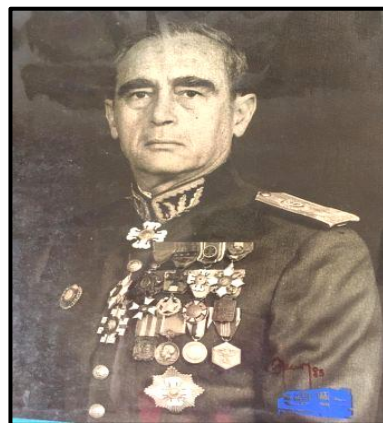


Imagem: Gen Paulo
Campos Paiva (Ten na FEB
no 1ºRI - Regimento
Sampaio)

Voltando à Pesquisa: em resumo. Sentimento de autodefesa, expressiva rusticidade biopsíquica, limitada confiança [comentário: Seria autoconfiança? É sabido haver certa dependência do soldado brasileiro de seus chefes, por vezes com prejuízo da iniciativa], nítida tendência de

subordinação por afetividade [o que pode induzir ao indesejável bom mocismo], temor reverencial ao desconhecido [misticismo], agradável surpresa pela forma como foi assistido e administrado.

A FEB foi a afirmação da honra e dignidade do Exército e do soldado brasileiros. A eles a nossa respeitosa continência militar e **a responsabilidade de sermos dignos desse passado de glórias e de manter a eterna lealdade total e prioritária à Nação.**

RELATOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA I

Verás que um filho teu não foge à luta

RELATOS DA FEB I - Ten Godofredo Herói do Brasil

Heróis vão além do dever por patriotismo, dignidade, camaradagem e senso de liderança

Relato do General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva³

Nesse texto descrevo o testemunho de meu pai, veterano da FEB, que pertencia ao I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria – o Glorioso Regimento Sampaio.

Meu pai era o Tenente Paulo Campos Paiva, colega de Turma do Tenente Godofredo Cerqueira Leite, ambos da Arma de Infantaria. Os dois foram declarados Aspirantes a Oficial em janeiro de 1944, na última Turma da Escola Militar do Realengo. Na FEB, eram do mesmo batalhão, comandados pelo então Major Uzêda.

Antes de iniciar o relato, transcrevo alguns dados biográficos do Tenente Godofredo.

Era natural do Rio de Janeiro e casado com Hilma de Cerqueira Leite. Embarcou no 2º Escalão da FEB, em 22/09/1944 e chegou à Itália em 06 de outubro. Comandava o Pelotão de Petrechos da 3ª Companhia do I Batalhão do Regimento Sampaio e faleceu em fevereiro de 1945 em Monte Castello, após a conquista daquela importante elevação dos Montes Apeninos, tenazmente defendida pelos alemães. Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia e seus restos mortais foram transferidos para o

³ Professor emérito e antigo Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, antigo Comandante do 5º Batalhão de Infantaria Leve, Diretor de Geopolítica e Conflitos do Instituto Sagres e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

monumento aos mortos da II Guerra Mundial, localizado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. Foi condecorado com as medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate.



Imagem: Pelotão de Petrechos do Ten Godofredo.

Foto sobre a neve, em local fora das vistas inimigas, após serem substituídos em suas posições em Braine. À direita, o 2º Ten Godofredo.

[Início do Relato do General Paiva]. Às vésperas do ataque vitorioso ao Monte Castello, em 21 de fevereiro de 1945, o Ten Godofredo forçou sua alta do hospital, onde convalescia de pneumonia, ao tomar conhecimento de que seria feito um novo ataque àquela elevação onde os alemães, por três vezes, rechaçaram a FEB.

Chegando ao Batalhão, o Major Uzêda lhe disse que ele não iria reassumir naquele momento o comando de seu pelotão por estar debilitado. Godofredo tentou convencê-lo de que tinha condições de reassumir o comando e participar do ataque, mas o Major respondeu que manteria sua decisão. O tenente insistiu e chegou mesmo a se exaltar, a ponto de dizer que, se não subisse o Monte comandando, iria pegar um fuzil e avançaria junto com sua fração de qualquer jeito. Como me disse meu pai, a “turma do deixa disso” convenceu o Cmt Btl a permitir que Godofredo reassumissem o pelotão, mas que o sargento adjunto seria bem orientado para *ficar de*

olho nas condições do tenente durante o penoso avanço naquele terreno montuoso e sob uma temperatura bem baixa.

Assim aconteceu e Godofredo conseguiu liderar seus comandados e chegar ao topo do chamado “Monte Maldito”. Mais adiante, meu pai se encontrou com Godofredo no topo da elevação e o tenente mostrou uma carta, que acabara de receber, contando do nascimento de sua filha no Brasil. Logo depois, um estafeta trouxe a meu pai uma ordem do Major Uzêda para ir à retaguarda buscar um comboio de munições. Godofredo lhe apontou uma cratera onde explodira uma granada da artilharia alemã e disse que iria repousar ali um pouco.

Meu pai foi cumprir a missão recebida e, ao regressar e se apresentar no Posto de Comando do Btl para dar o pronto da missão, viu em cima de uma mesa um saco de estopa com uma tampa de papelão de caixa de sapato onde se lia: Tenente Godofredo. O corpo do amigo tinha sido dilacerado pela explosão de uma granada alemã, exatamente na cratera onde o tenente repousava.

Meu pai me pediu que sempre que possível eu transmitisse esse relato, pois a história completa de tudo que ele presenciou não ficara escrita e era o mínimo a fazer em honra a esse herói. [Fim do relato de meu pai feito a mim].

O 2º Tenente Godofredo não foi um *rambo* vencendo sozinho obstáculos intransponíveis, matando ou aprisionando dezenas de inimigos como um Hércules redivivo. Foi apenas um comandante a cumprir com dedicação e competência as tarefas necessárias para a coletividade do seu batalhão avançando à frente de seus comandados com o equilíbrio emocional exigido de verdadeiros líderes e fazendo o que sua consciência dizia ser certo. Na verdade, não foi apenas um comandante. Foi, com toda a simplicidade dos grandes líderes, O COMANDANTE!

Relato de meu pai ao “Jornalismo de Guerra - Crônicas, histórias, notícias e relatos sobre o Brasil na II Guerra Mundial”⁴.

“Antes do ataque a Monte Castello, a maioria dos oficiais achava que Cerqueira Leite não deveria ter participado da ação, porque estava sem condições físicas, mas ele não admitiu que, como Comandante, não fosse atacar junto com seus soldados. Ele tinha estima aos seus soldados. A insistência e o amor a seus soldados resultaram na morte desse íntegro e valente oficial, exemplo de tenente da nossa FEB. Fez questão e não abriu mão de liderar seus soldados, os quais não queria deixar na hora de entrar em combate. Disse ele que “se não pudesse ir no comando do Pelotão iria como simples soldado, integrando o mesmo”. Era essa a personalidade do Tenente Cerqueira Leite. [-] Eu acho que isso não estava escrito e precisava ser dito para se valorizar esse tenente que não recebeu ainda, na minha opinião, a homenagem adequada”, lembrou [Paulo Campos Paiva].



Godofredo Cerqueira Leite

Imagem: Ten Godofredo

*DULCE ET DECORUM EST
PRO PATRIA MORI (POETA
LÍRICO ROMANO HORÁCIO).*

⁴ <https://jornalismodeguerra.com/2019/02/21/monte-castelo-74-anos-pracinhas-relembra-vitoria-conquistada-com-sangue/>

RELATOS DA FEB II - Alvorada do Fritz

Texto do Livro *Crônicas de Guerra* - Ten Cel Olívio Gondim de Uzêda, Comandante do 1º Batalhão do I Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio

A ALVORADA DO FRITZ

[Transcrito por Gen Bda Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva, filho do 1º Ten Paulo Campo Paiva, último Veterano da FEB a passar à Reserva em 1987, como General de Exército].

Certa feita recebemos ordens de substituir com o nosso Batalhão o destemido Esquadrão de Reconhecimento sob o comando do bravo Capitão Pitaluga. O inverno já se avizinhava e nesse setor devíamos aguardar a primavera para o reinício de novas ofensivas. Ante isso o comando do Batalhão resolveu: colocar em linha duas companhias de fuzileiros (Cia Fzo); deixar em reserva a restante; reforçar as companhias em linha com elementos de morteiros 81 mm, de metralhadoras pesadas e um canhão 57 anticarro (AC); fechar os intervalos na linha de frente com minas e redes de arame; fazer periodicamente, a título de repouso, um rodízio entre a Cia reserva e uma das do 1º escalão. E assim foi realizado!

Entretanto, o *Fritz* não gostou muito da troca que lhe revelaram seus magníficos observatórios [dominantes] e nos bombardeavam de quando em vez, de preferência pela manhã e ao entardecer. Uma tarde, lançaram 494 granadas de artilharia num único pelotão da nossa companhia da direita. Por último, todo dia, às seis horas, os alemães traziam três tanques para o povoado de Pietra Colora que nos defrontava e “passava em revista” toda a nossa linha de frente. Quando pedíamos tiros à Artilharia já era tarde, eles tinham fugido.

Eis quando o comandante do Batalhão chama o 1º Ten Paulo Paiva, destemido comandante do Pelotão de Canhões anticarro [eram os pesados canhões 57 AC sobre rodas], um apaixonado pela sua arma; diz-lhe que, a despeito do péssimo estado das estradas cobertas de neve, estreitas e com

rampas fortíssimas e malgrado a observação inimiga, tornava-se mister a colocação de um canhão 57 nas primeiras linhas. O Tenente Paiva procurou e descobriu bois, construiu estradas e, sob o manto protetor da noite, cumpriu a missão. Fez mais, conseguiu dez granadas explosivas não sabemos onde. Em seguida, o comandante do batalhão disse ao Ten Paiva que sua missão era destruir os tanques de Pietra Colora na madrugada do dia seguinte. Fez mais, combinou com o dedicado Tenente Coronel Gorreta um conjunto de tiros para o mesmo momento e distribuiu missão às metralhadoras e morteiros do Batalhão para a mesma hora.

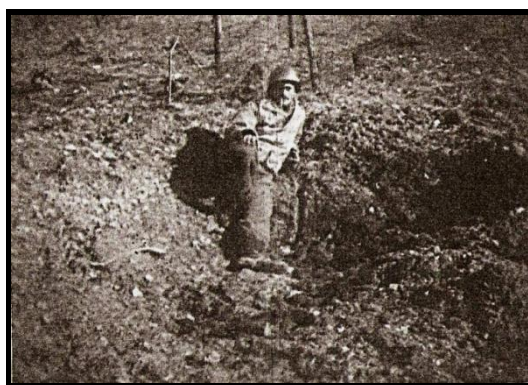


Imagem: Ten Paiva do I Btl do Regimento Sampaio

– Natural de Valença – RJ. Cmt Pel Anticarro. Último veterano da FEB a passar à Reserva em 1987, como General de Exército. Faleceu em 2005.

Às 05:45h do dia seguinte, antes que os tanques iniciassem sua “brincadeira”, o batalhão fez um verdadeiro São João. Não havia um ponto da frente alemã que não fosse contemplado com um tiro! O feitiço contra o feiticeiro. Nós é que fizemos a alvorada. Surgiram os tanques e o Sargento Azevedo comandante de uma peça de canhão 57 mandou-lhes uma rajada de granadas explosivas. Os tiros da Artilharia e dos morteiros eram absolutamente precisos. Alarmou-se o inimigo, julgando-se sob a preparação de um vultoso ataque a iniciar-se imediatamente. Desencadeou sua barragem, soltou uma série de sinais luminosos, movimentou-se e denunciou suas posições. As metralhadoras do batalhão caçavam os “super homens”. O canhão 57 atingiu um tanque. Desde então, o *Fritz* diminuiu seu entusiasmo. Nossas armas deixaram suas posições suplementares [para esta

ação] e voltaram às posições principais. O comandante do Batalhão mandou para o Ten Cel Gorreta uma caixa de cigarros “Londres”, presente do Ten Gonçalves, como retribuição ao precioso auxílio da Artilharia.

MONTE CASTELLO - “UM BAITA ORGULHO DA VITÓRIA” (Ten Paiva FEBIANO)

O Cmt Pel Cia Canhões Anticarros do Regimento Sampaio, Ten Paulo Paiva, lembra da vitória em MC: “a sensação de chegar lá em cima foi poder olhar para o horizonte e dizer: ‘Barbaridade, nós estamos aqui’. Foi uma emoção muito forte porque até chegar lá ocorreram muitas passagens meio complicadas”, relembrou emocionado.

Jornalismo de Guerra - <https://jornalismodeguerra.com/2019/02/21/monte-castello-74-anos-precinhas-relembra-vitoria-conquistada-com-sangue/>

RELATOS DA FEB III – Heróis de Abetaia

OS 17 HERÓIS DE ABETAIA

Abetaia era “o corredor da morte”, região duramente disputada junto a MC. Após a conquista do MC em 21 Fev de 1945, as equipes de sepultamento encontraram corpos intactos de brasileiros, com armas na mão, na posição em que a morte os surpreendeu, conservados pela neve que caiu após o ataque de 12 Dez de 1944.



Em torno da posição, em semicírculo, foram encontrados 17 corpos em posição de combate, com armas e granadas nas mãos. Eram liderados pelo Sgt Luiz Rodrigues Filho, do Regimento Sampaio. A identificação comprovou que alguns pertenciam ao 11º RI, que também participou do ataque a MC de 12 Dez de 1944.

O Cel Nelson Rodrigues de Carvalho, em sua história do Regimento Sampaio, sugere que grupos de combate desgarrados, atraídos pelo fogo de Abetaia, lá se encontraram com outros e lutaram até a morte. O fato é inquestionável marca da bravura do pracinha brasileiro: morrer atacando o inimigo.

O acontecimento entrou para a história como: “OS 17 DE ABETAIA”

Imagem: O Corredor da Morte.



Imagem: Os heróis de Abetaia.

"À Pátria tudo se deve dar, sem nada exigir em troca, nem mesmo compreensão" Tenente Siqueira Campos (1898 – 1930), herói do episódio dos "18 do Forte" em 1922, em Copacabana - RJ.

RELATOS DA FEB IV - Chico Paraíba

CHICO PARAÍBA - PRACINHA; TENENTE ITHAMAR - LÍDER VALENTE

II Guerra Mundial: resgate do pracinha Chico Paraíba de uma prisão do Exército dos EUA - JORNAL OPÇÃO⁵

Extrato de artigo de Irapuan Costa Junior - 12 fevereiro 2023

Combatendo o nazifascismo, o soldado [brasileiro] foi preso [pelos americanos] por matar uma galinha. Mas um tenente corajoso, Ithamar, o liberou

⁵ <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/contraponto/segunda-guerra-mundial-o-resgate-do-pracinha-chico-paraiba-de-uma-prisao-do-exercito-americano-464408/>

— Tenente Ithamar! A Polícia do Exército americano veio aqui e prendeu



o Chico Paraíba. Dizem que vai ser julgado pela corte marcial, deles lá. Quem falava era o sargento Arlindo [-] do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha [designação atual do então 11º Regimento de Infantaria] da FEB. Estavam próximos à cordilheira dos Apeninos e era o inverno italiano, no começo de 1945.

Imagem: Ten Ithamar, 9ª Cia do 3º Btl/11º RI (Regimento Tiradentes).

Em 1955 fez o curso de engenharia no IME. Foi para reserva como Coronel. Faleceu em 1999⁶.

O Ten Ithamar, com seu grupo [patrulha] de reconhecimento, estava chegando de uma missão noturna junto às linhas alemãs. Não tinha ocorrido baixas [-] Mas nem por isso o humor do tenente era dos melhores. Para a perigosa missão, em terreno desconhecido e à noite, só contava com um guia italiano em quem [-] não confiava muito desde o início.

Soldados em combate desenvolvem um sexto sentido e o seu não falhara. O italiano era um covarde que os abandonara na escuridão de uma encosta,



em meio a restos de neve, quando um sentinela alemão, percebendo os ruídos do grupo, rolara uma granada morro abaixo, que felizmente não explodira perto. Escafedera-se o *carcamano* e os brasileiros não mais haveriam de ouvir falar dele. O tenente, quando pensava nele, praguejava entre dentes. Sem orientação, tivera que arriscar uma retirada que só era segura morro abaixo.

Imagem: Pracinha da FEB

⁶ Disponível em posts/2-tenente-ithamar-viana-da-silvaidentidade-1g-199186natural-de-jo%C3%A3o-pessoa-pbemb/573029174856363/

No sopé, sem direção, poderia cair numa trincheira inimiga e seria um desastre. O jeito foi esperar o início da manhã e se guiar pela bússola. Foi o que fez e conseguiram retornar, embora os alemães como todos os combatentes veteranos, tendo desenvolvido uma visão mais acurada, os tivessem percebido e enviado algumas rajadas de metralhadora quando se deslocavam. Mas nessa altura já estavam fora de alcance. Era, pois, um Ten Ithamar tenso, sujo, com frio, fome e cansaço quem recebia a má notícia.

— O que o Chico fez para ser preso?

— Disse que estava cansado dessa ração americana e queria fazer uma sopa. Deu um tiro de fuzil numa galinha e fez a sopa. O italiano dono da galinha foi no quartel dos americanos e deu queixa. Eles vieram aqui e levaram o Chico. Tentei discutir com eles, mas não adiantou. Disseram que é crime e está previsto nos regulamentos.

— Mas também está nos regulamentos que quem julga nossos soldados somos nós mesmos. Você não disse isso a eles?

— Sim, disse, mas não quiseram ouvir. Eu não sabia o que fazer, eram muitos. Achei melhor esperar o senhor chegar.

— Você, Arlindo, que fala inglês, venha comigo. Chame o Gaúcho, e pegue o jipe.

— Vamos só nós?

— Não é preciso mais ninguém.

— Vamos desarmados?

— Não, armamento completo.

No trajeto, Ithamar, também paraibano, ia pensando no seu subordinado e conterrâneo. Chico era muito popular na tropa. Sem muita instrução, era, contudo, um ás na música nordestina, cantor, tocador de sanfona, dançarino, contador de causos e piadas. Seu sotaque carregado ajudava. Desinibido e folgazão. Sei que conhecem o tipo. Faz sucesso também em

política. Chico era bom soldado. Fazia-se respeitar no momento do combate.

— Arlindo, por que você não impediu o Chico de fazer essa besteira? — perguntou Ithamar.

— Quando vi, já tinha feito. Disse ao Chico que ia ter problema, mas ele disse que estávamos numa guerra de matar homens, e que problema ia ter matar uma galinha?

— Bem próprio da simplicidade do Chico, pensou Ithamar, quando já estavam chegando no quartel americano.

— Arlindo, quero que você traduza exatamente o que eu disser seja lá o que for. Entendido?

— Entendido, meu tenente.

O sentinela americano relutou em levar até o oficial de dia aquele tenente com o fardamento sujo e seus dois acompanhantes, mas não podia fazer diferente. Foram recebidos por um capitão americano com quase dois metros de altura, bem fardado, saudável, acompanhado de quatro outros ianques, que os olhou com certo enfado.

— Diga a ele que lamento aqui comparecer sem estar devidamente fardado, mas que acabo de chegar de missão [-] e não tive tempo de me trocar.

— Arlindo traduziu e o capitão mudou um pouco sua postura ao notar o olhar cansado do tenente.

— Ele pergunta “em que posso ajudar meu tenente?”.

— Venho buscar um soldado meu comandado, indevidamente preso pela Polícia do Exército americano, que, segundo ela, cometeu transgressão disciplinar, e a parte correspondente, para que possamos julgá-lo e puni-lo, se for o caso, em corte brasileira, como manda o regulamento.

— Ele diz que o soldado preso já tem processo em andamento e pode ser julgado pelos americanos, pois o chefe do comando conjunto é americano. Assim, não pode entregá-lo, traduziu Arlindo a resposta.

— Diga a ele que não sairemos daqui sem meu soldado, pois não aceito a interpretação dele e sou inteiramente responsável por cada um dos meus.

O americano ouviu, esboçou um sorriso, olhou para os outros americanos e perguntou, logo traduzido por Arlindo:

— Só vocês três? E como vocês pensam em levá-lo?

— Arlindo, traduza exatamente, repetiu Ithamar: — Eu não disse que iremos levá-lo. Disse que não sairemos daqui sem ele. Isso significa que, se preciso for, combateremos para levá-lo, embora sejamos minoria e provavelmente morramos aqui.

O americano ouvia com espanto crescente a tradução. Já se preparava para o pior quando olhou bem no fundo dos olhos do atarracado tenente brasileiro. O que viu lá não foi do seu agrado. Também não foi o que não viu. Não viu medo. Não viu raiva nem hesitação. Viu uma calma determinação que não deixava margem a dúvidas. Viu que a afirmação que ouvira com espanto era a pura expressão da verdade.

Prova é que o tenente estava aferrado à sua Thompson, e por certo faria um estrago antes de morrer, se um tiroteio começasse ali. E ele estava diretamente na frente, enquadrado na linha de tiro. Ou então — quem sabe? — sentiu admiração por aquele tenente exausto, que, como ele, lutava longe de casa pela liberdade e não abandonava um dos seus nas mãos de estrangeiros, ainda que aliados.

O silêncio era gritante. Dizia muitas coisas. Mas não durou muito, embora parecesse não acabar mais. Um minuto? Menos. O americano virou-se para um subordinado [e disse]: — Busque aquele caipira e entregue a eles.

Ninguém falou mais nada. Nem quando Chico Paraíba, risonho, sem saber da tragédia que quase tinha provocado, entrou na sala. Ithamar fez a

continência de praxe, voltou-se e saiu com seus soldados e um Chico já tagarelado de alegria. Ouviu o americano falar algo para seus companheiros. Mas nem perguntou a Arlindo o que era. Já não interessava mais. Se tivesse pedido, a tradução seria: “Esses brasileiros são loucos. Morreram às dúzias para tomar o Monte Castello. Verdadeiros suicidas”.

A crônica é uma homenagem ao Coronel Reformado Ithamar, com várias condecorações por bravura na FEB [-] fez o curso de engenheiro no Instituto Militar de Engenharia [-] casou-se com uma goiana [-] foi professor universitário em Brasília [-] ocupou, com dedicação e honestidade [-] vários cargos públicos em Goiás e faleceu em 1999.

RELATOS DA FEB V - Ten Trota - Herói do Brasil

Livro “Crônicas de Guerra na Itália”, de Rubem Braga (correspondente de guerra), Ed Record, RJ, 2014 (p.222).

[Início de Transcrição]

O TENENTE TROTA

Março, 1945

Quando eu soube do elogio e da repreensão que o Tenente Trota recebeu, no mesmo dia, do comandante do seu batalhão e do comandante do seu regimento, quis falar com ele. O major Olívio Gondim de Uzeda me aconselhou a não ir procurá-lo no momento.

- O pelotão dele está aqui em cima em uma posição muito batida. Dentro da posição os homens estão bem, mas chegar até lá a esta hora é difícil.

Eu disse que deixaria o jipe mais adiante e subiria a pé.

- Não convém. De onde estão, os alemães caçam com tiro de fuzil quem suba a encosta. Eu posso telefonar para o tenente e dizer para ele vir aqui, ou se encontrar com você no caminho. Descer é menos perigoso, porque é mais rápido.

Mas eu não quis que o tenente corresse o risco só por minha causa.

O major Uzeda me conta como foi o caso.

Ruídos suspeitos

- Foi de madrugada O tenente Frota estava em um *foxhole* [toca] quando ouviu ruídos suspeitos ali perto. Teve a impressão de que os soldados inimigos tentavam chegar às nossas linhas na escuridão. Chamou os dois soldados que estavam mais próximos dele e resolveu ir ao encontro dos inimigos. Os dois deixaram a posição e acompanharam o tenente. Quando avançaram um pouco pela *terra de ninguém*, viram três nazistas que vinham sorrateiramente. Um dos alemães tinha uma metralhadora de mão e outros dois estavam com fuzis. Antes que pudessem fazer qualquer coisa, foram presos pelo tenente e pelos dois soldados, que subitamente caíram sobre eles.

O major Uzeda me explica que o tenente agiu com imprudência. Devia permanecer em sua posição, atento, ou sair com um maior número de homens e com fogos de apoio.

- Às vezes – explica – os nazistas mandam dois ou três homens na frente como isca. Quando nossos homens vão pegar os três, são atacados por uma patrulha forte. Mas esse menino é um galinho de briga. Quando ele chegou aqui, foi mandado para a Companhia de Obuses do Regimento, mas vivia falando com o coronel Caiado [comandante do Regimento], dizendo que não era artilheiro. Afinal, deram um pelotão para ele comandar – isso no dia 20 de fevereiro. No dia 21 foi o ataque ao Castello – o Trota tomou Fornacci com o seu pelotão. Ele é do Rio, filho do major Frederico Trota. Tive de elogiá-lo, mas também mandei repreendê-lo particularmente. Ele está proibido de repetir essas aventuras...

E o major Uzeda me mostra o elogio que assinou ao tenente Trota “pelo seu espírito de iniciativa, coragem e audácia mais uma vez demonstrados”.

Como ouvimos uma arrebentação, olhamos pela janela do PC. Sobre o vale, para a retaguarda, há um ponto de fumaça escura no ar. Foi a granada de tempo de um canhão nazista.

O major comenta:

- Tenho uns homens ali atrás, mas acho que isso não feriu ninguém. Explodiu alto demais...

E manda vir um cafezinho. **[Fim de Transcrição].**

RELATOS DA FEB VI - Ten Amaro⁷ - Herói do Brasil

[Início de Transcrição – livro de Rubem Braga]

O TENENTE AMARO

Abril, 1945

Visitei o Esquadrão de Reconhecimento e acabei dormindo por lá. Pela manhã, antes da instrução, todos os homens que não estavam dando serviço de patrulha ou vigilância formaram em um pátio, debaixo de algumas árvores, e o comandante, capitão Plínio Pitaluga, falou:

- Anteontem, dia 4 de abril, fui a Pistoia com um tenente e 12 praças assistir ao sepultamento do tenente Amaro Felicíssimo da Silveira. Todos vocês conheceram o tenente Amaro e sabem como ele morreu. Ele veio para a FEB como voluntário [-] trabalhando como meu auxiliar na Manutenção, ele insistiu em ir para um Pelotão. Queria as missões mais difíceis, queria estar com vocês nas horas e nos momentos de maior perigo. Morreu à frente de uma patrulha no cumprimento do dever⁸.

⁷ BRAGA, Rubem. CRÔNICAS DA GUERRA NA ITÁLIA. Rio de Janeiro - São Paulo, Editora Record, 7ª Edição, p. 270. Rubem Braga foi Correspondente de Guerra na FEB e acompanhou toda a Campanha na Itália.

⁸ Comandava uma patrulha na região de Montilocco, em 20 de novembro de 1944, e ao abordar uma casa recebeu uma rajada mortal de metralhadoras. Era sua primeira patrulha. Seus companheiros tentaram resgatar seu corpo, mas o volume de fogo da posição inimiga não permitiu. Seu corpo foi encontrado em abril de 1945.



Imagem: Tenente Amaro.⁹

O capitão prossegue dizendo: Que a sua morte e a morte de tantos outros companheiros da FEB não seja em vão. O tenente Amaro era um verdadeiro democrata, Era um homem que odiava o nazismo e toda a espécie de fascismo, e achava de seu dever lutar por um mundo melhor. Que a sua morte sirva para ajudar a criação, para nós

ou nossos filhos, de um mundo melhor, um mundo de justiça e solidariedade. Despedindo-me à beira do túmulo eu disse, em nome de nós todos, que a lembrança do seu exemplo há de nos encorajar na luta, e vem nos trazer mais um motivo para lutar, com todas as forças, contra o nazismo, pela liberdade. Em homenagem ao tenente Amaro, um minuto de silêncio! **[fim de Transcrição]**

Fez o CPOR na Faculdade de Medicina, que cursou até o quarto ano. Era funcionário da Prefeitura, e casado com Ruth Albuquerque da Silveira. Hoje, o 1º Esquadrão de Cavalaria Leve, em Valença – RJ, tem a designação histórica de Esquadrão Tenente Amaro, em homenagem a esse herói de guerra.

“Os que tombam pela Pátria não morrem. Fundem-se em espírito com ela e têm vida eterna” (autor desconhecido).

⁹ Disponível em: <https://www.defesaaereanaval.com.br/historia/italia-homenageia-a-feb-ao-rememorar-os-74-anos-do-fim-da-2a-guerra-mundial>

RELATOS DA FEB VII - Ten Regueira Herói do Brasil

Livro “Crônicas de Guerra”, Ten Cel Uzêda (Cmt 1º Btl do Regimento Sampaio)

O TENENTE REGUEIRA

O Ten Regueira é um pernambucano de Goiana, destemido e valente, bravo como ele só! Baixo, moreno, barba cerrada, bigode aparado, sobrancelhas densas, cabelos e olhos pretos, nariz afilado, uma “barroca” no queixo, gentil e maneiroso, ninguém o dizia o soldado corajoso que era. Ferido num dos bombardeios de artilharia em *Braineta*, estava baixado ao hospital. Por isso nosso Batalhão não contou com seu precioso auxílio no ataque a Monte Castello no dia 21 de fevereiro [de 1945].

Entretanto, num dos primeiros dias de março, o bravo tenente apresentase ao Posto de Comando do batalhão em *Querciola*, pronto para retornar à linha de frente. A chegada do Regueira foi motivo de grande alegria para o nosso batalhão, já pela simpatia que irradiava o jovem tenente, já pela admiração que tínhamos pelos seus feitos, já por que sua presença, pela experiência e pelo seu destemor, era, realmente, um reforço para o batalhão.

E lá se vai o Regueira para a linha de frente. Desta vez mandamo-lo para a 3ª Cia.

Prosseguíamos mandando patrulhas às linhas inimigas, quer para sondar-lhes as intenções, quer para destruir-lhes as posições, afastando-os de nossas linhas.

Essas patrulhas obedeciam a uma escala, e de quando em vez lá ia o Regueira. As patrulhas sob seu comando, como as dos Ten Trota, Waldir e Oswaldo, eram cheias de *alterações*. Aguerridos, valentes e decididos, esses bravos tenentes infiltravam-se insidiosamente pelas linhas inimigas, levando-lhes destruição, provocando-lhes pânico, trazendo prisioneiros. Mas, também, de quando em vez, passávamos cada susto para recuperá-los!

Certo dia lá foi o Ten Regueira fazer um reconhecimento em *Marne*. Esse era um lugarejo com três casas apenas, mas todo grupo de casas na Itália tem um nome e os naturais chamam-no de “paese”. *Marne* era, pois, um “picolo paese” que defrontava nossas posições em *Polla*. O lugarejo ficava num espigão que corria quase paralelamente à nossa linha e que vinha se entroncar no *Monte Belvedere*.

No espigão existiam cercas vivas e divisas de terra feitas com pedra seca que facilitavam o disfarce do inimigo. Para atingirem o espigão nossas patrulhas tinham que atravessar uma ravina que os italianos chamavam de “fosso”.

Parte o Regueira com elementos do seu aguerrido pelotão. Transpõe nossos campos minados em *Polla*, dispersa seus homens, dá-lhes missões. O “fosso” é enfiado por posições inimigas em *C. Vigone e Fantetti*. Ele o atravessa num só lance e aproxima-se cautelosamente de *Marne*.

Quando a patrulha se aproxima de *Marne*, recebe tiros de *Fiochi, C. Ghiri, e Bottara*. Nossa artilharia e nossos morteiros anulam as resistências inimigas. Os esclarecedores do Regueira atingem o casario de *Marne*. Diversas organizações, mas tudo vazio. Dispondo de poucos recursos, o alemão usa de malícia. Varia de posição: hoje está aqui, amanhã acolá. O “escravo” italiano cava-lhes os abrigos.

Missão cumprida. Quando menos, a patrulha facultara-nos alvos para os bombardeios. Regueira faz o sinal para o regresso: a patrulha retrocede. Quando os primeiros elementos chegam em *Polla*, ouve-se o metralhar do inimigo: era uma “Lurdinha” [MG 42], a célebre metralhadora inimiga, 1.100 tiros por minuto. Onde atirara?

Regueira apressa o regresso de sua patrulha, mas observa que lhe falta um homem. Quem seria? Ele os conhecia a todos, lembra-se dos que já se recolheram. Onde se acha o seu ordenança, aquele seu amigo que não o larga nunca? E o tenente recorda-se das rajadas inimigas. Seu ordenança ficara ferido. Iria buscá-lo.

À sua contextura moral não cabia outra solução. Ele não era apenas o bravo e afoito patrulheiro. O destemido tenente cumpria o seu dever com convicção plena. Um só homem do seu pelotão não ficava em mãos inimigas, tanto mais o seu ordenança!

E Regueira retrocede ansioso em busca do seu soldado. Divisa-o à margem do “fosso”. Convicto do seu dever, encantado com a sua nobre missão, preocupado com o destino do seu amigo, esquece-se do inimigo que lhe acompanha perfidamente os movimentos. Regueira alcança seu soldado ferido e tenta arrastá-lo. Eis quando se repete a rajada da metralhadora inimiga.

Nossos observatórios localizam-na em *Fantetti*. Nossos morteiros partem céleres, precisos. A arma inimiga silencia, mas o heroico tenente fica ao lado do soldado. Alguns homens do seu pelotão voltam para buscá-los. Era o exemplo do chefe!

Chegam os feridos ao nosso posto de saúde. Os doutores Barcelos e Câmara prestam-lhes os socorros de seu zelo, de sua competência, do seu carinho. Estamos presentes na sala de curativos. Regueira está na padiola, as vestes rasgadas e muito sangue nas coxas. Acariciamos-lhe a cabeça, exaltando-lhe o feito. Barcelos corta-lhe as calças na altura dos ferimentos. As coxas inchadas mostravam um rasgo em cada uma; o da direita era bem maior. Nosso dedicado médico olha-nos significativamente, inicia o curativo, estica as pernas do nosso herói, amarrando-as na extremidade da padiola. O Dr. Câmara aplica-lhe uma injeção de plasma. Continuamos acariciando a cabeça do Ten Regueira.

Crianças do meu Brasil! Quando virem um jovem oficial como muito propositadamente lhes descrevi, andando com as pernas um pouco rijas, apoiado numa bengala, parem e o saúdem reverentemente: é um herói que passa! É o Tenente Regueira!

RELATOS DA FEB VIII - Preparação da FEB - 1944

(Trecho de palestra de meu falecido pai o General de Exército Paulo Campos Paiva – último veterano da FEB a passar à reserva em 1987)

Quando chegamos à Unidade [Regimento Sampaio – 1º RI] fomos surpreendidos pela organização do rancho por companhias, logo que nos apresentamos. A confecção dos alimentos nesses moldes, rancho descentralizado por companhias, já fazia parte do treinamento do pessoal para a guerra. A quantidade de moscas era tão grande, que se comia com uma das mãos, enquanto com a outra se afugentava o inseto.

Outra surpresa foi ver três camburões com água fervendo, para a lavagem e desinfecção das marmitas, uma vez que, na Escola Militar do Realengo, tínhamos usado farinha para limpá-las nos nossos acampamentos de cadetes, onde, por isso mesmo, grassava a disenteria. Nova surpresa nos aguardava, pois que imediatamente começamos a tomar uma variada gama de vacinas exigidas pelos regulamentos americanos.

Transformamo-nos num misto de alunos e instrutores, aprendendo com os mais antigos as novas organizações das diferentes frações e do regimento e conhecendo alguns materiais e o seu emprego. Porém, só fomos conhecer a maioria do nosso armamento anticarro já em terras da Itália, no período que precedeu os combates [o Ten Paiva foi Comandante do Pelotão Anticarro do I Batalhão do 1º RI]. Nessa fase, recebíamos instrução de oficiais e monitores americanos, que se encontravam à disposição da Unidade. A atividade era intensa e se podia sentir a aproximação do dia do nosso embarque para o TO Europeu.

A disciplina no início era muito precária, abarrotando o xadrez da Unidade, mas foi aos poucos melhorando, mercê de ingentes esforços dos quadros. A intensificação dos trabalhos dos quadros na preparação e na instrução da tropa fez com que esta fosse tomando corpo e a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) iniciou sua apresentação ao público,

desfilando a 31 de março de 1944 e a 24 de maio com toda a Divisão, sob os emocionantes e entusiásticos aplausos da população do Rio de Janeiro.

Prenunciava-se o embarque.

TRANSPORTE PARA O TO NA ITÁLIA

Dois aspectos fundamentais se apresentavam para o êxito da operação de embarque: sigilo e a perfeita técnica na execução do embarque pela tropa.

Para o primeiro foram utilizadas medidas de despistamento, com deslocamentos de composições de trens, que não seriam as reais composições destinadas ao transporte da tropa que embarcaria no 1º Escalão. Lançaram-se boatos sobre os elementos que constituiriam esse escalão, sobre a data da partida, etc.

Na busca da perfeita execução do embarque, fez-se o treinamento em vagões de uma composição deixada em um desvio na Vila Militar (RJ). Nesse treinamento se fazia o controle individual, verificando: placa de identidade, ficha de saúde, etc. Procedia-se à conferência das relações e se utilizava uma aparelhagem construída com escadas semelhantes às de acesso a bordo, bem como as redes de tombadilho, para efetuar as decidas de emergência.

A 02 de julho de 1944, partiu o “General Mann”, navio transporte de tropa americano, conduzindo o 1º Escalão, e a 22 de setembro seguiu o 2º Escalão [onde foi o Ten Paiva].

Os transportes eram escoltados por navios de guerra. Iniciamos vários exercícios de emergência e as tripulações os treinamentos de combate com armas antiaéreas. O permanente uso do salva-vidas era obrigatório e, ao escurecer, a tropa abandonava o tombadilho, procedendo-se ao escurecimento total da nave. Era o momento desagradável, pois o calor nos compartimentos era muito grande e o enjoo de alguns mareados causava náuseas de desastrosas consequências.

Próximo a Dakar houve uma ameaça real de submarinos, provocando pronta intervenção da escolta, que lançou várias bombas de profundidade. Confesso que esse foi um momento muito pouco agradável. Ameaçados de ser torpedeados, em compartimentos vários metros abaixo do nível do mar.

Bem, nossa tropa venceu brilhantemente essa fase, estabeleceu excelente relacionamento com a tripulação dos navios e mereceu calorosos elogios dos comandantes dessas embarcações, pela sua conduta a bordo.

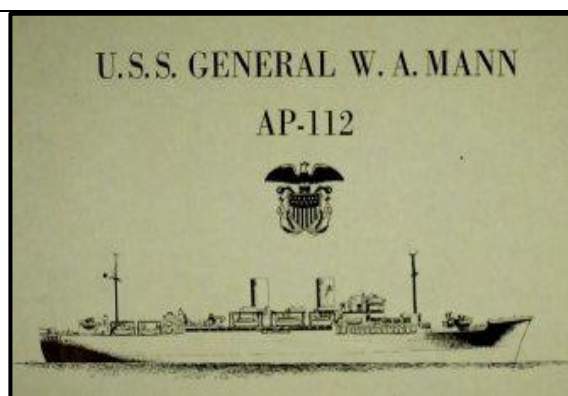


Imagem: Navio Transporte de tropas



Imagem: Getulio Vargas a bordo do Navio transporte de tropas na partida

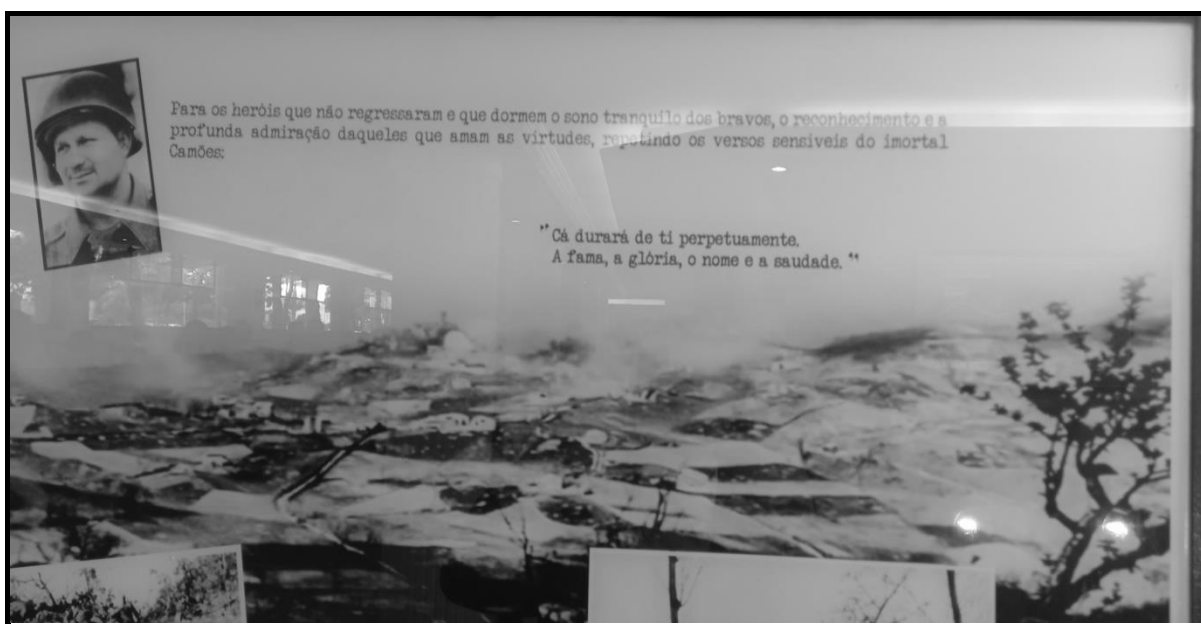
Tu não és capaz de nada, guerreiro. Só és capaz de lidar com as mazelas humanas. Mas, se tiveres fé, estarás com Deus e Ele te guiará para muito além das tuas fraquezas. Serás um campeão de Deus e infelizmente poucos homens entregarão seus passos na confiança do Senhor. Esses poucos salvam o mundo. E esse mundo precisa ser salvo, pois a soberba, que solapa a fé, assola o coração dos homens (FILHO, Orlando Paes. "Angus: As Virtudes do Guerreiro - Livro II" - <https://ideaeditora.com.br/site/produtos/50-angus-as-virtudes-do-guerreiro-livro-ii.html>).

Tributo ao Sgt Max Wolf - Herói do Brasil

Organizado e divulgado pelo General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva

**Tributo ao Sargento MAX WOLF FILHO – HERÓI DO BRASIL -
tombado em 12 de abril de 1945 próximo a Montese, quando
comandava uma patrulha.**

Gravuras e textos a seguir estão no Museu da FEB no Batalhão da Guarda
Presidencial – “Batalhão Duque de Caxias”, de Brasília- DF.



Imagens e textos: Museu da FEB no Batalhão da Guarda Presidencial

“Para os heróis que não regressaram e que dormem o sono tranquilo dos bravos, o reconhecimento e a profunda admiração daqueles que amam as virtudes, repetindo os versos sensíveis do imortal Camões: **‘Cá durará de ti perpetuamente. A fama, a glória, o nome e a saudade’.**”



Imagem: Gen Zenobio e o Sgt Wolf (esquerda); Gen Truscott (EUA) e o Sgt Wolf (direita).

Adiante, carta do Sargento Max Wolf a uma pessoa da família, sem data aparente.

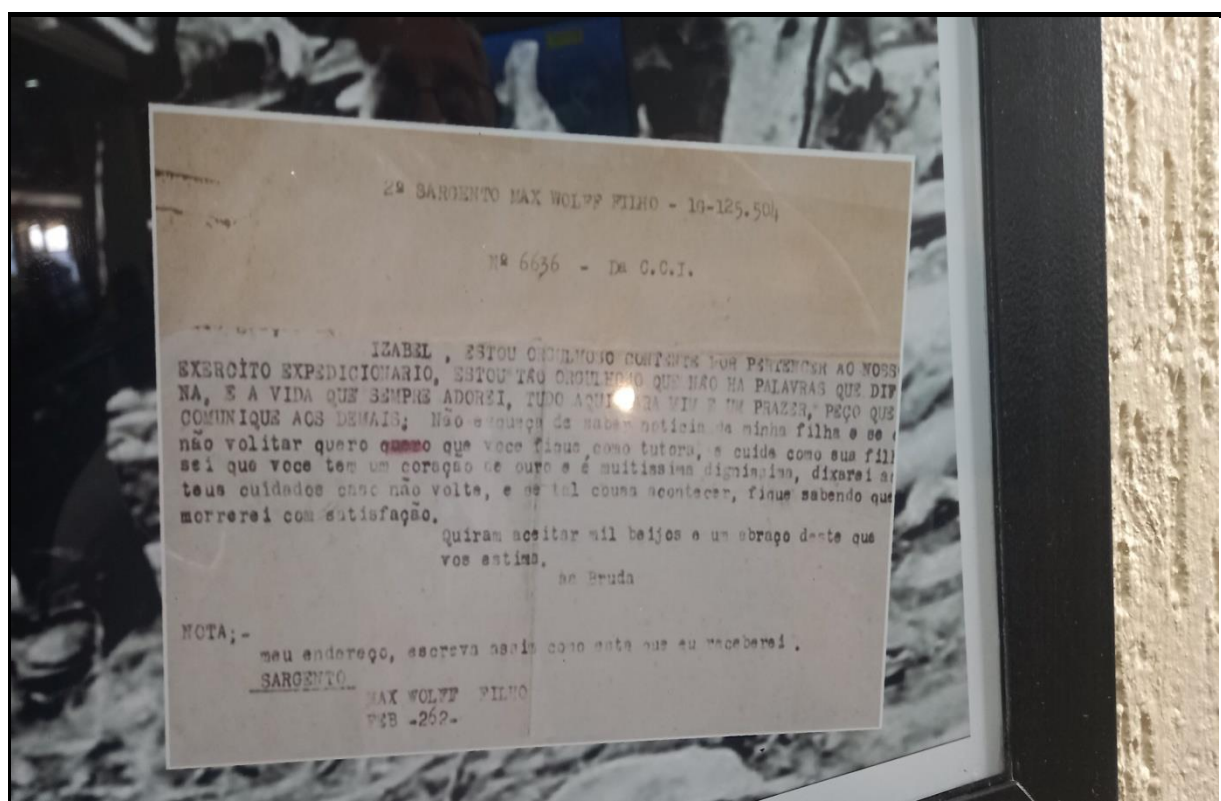


Imagem: Carta do Sargento Max Wolf

“Izabel, estou orgulhoso [e] contente por pertencer ao nosso Exército Expedicionário, estou tão orgulhoso que não há palavras que definam, é a vida que sempre adorei. Tudo aqui para mim é um prazer. Peço que comunique aos demais. Não esqueça de saber notícia da minha filha e se eu não voltar quero que você fique como tutora e cuide como sua filha ... sei que você tem um coração de ouro e é muitíssima digníssima, deixarei a teus cuidados caso não volte, e se tal coisa acontecer, fique sabendo que morrerei com satisfação. Queira aceitar mil beijos e um braço deste

que vos estima ...”.



Imagem: Última foto do Sargento Wolf a frente de seus homens.

Wickpédia

Carta do General Zenobio da Costa, Cmt da Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB, enviada à mãe do sargento Max Wolf após a rendição da Alemanha Nazista.

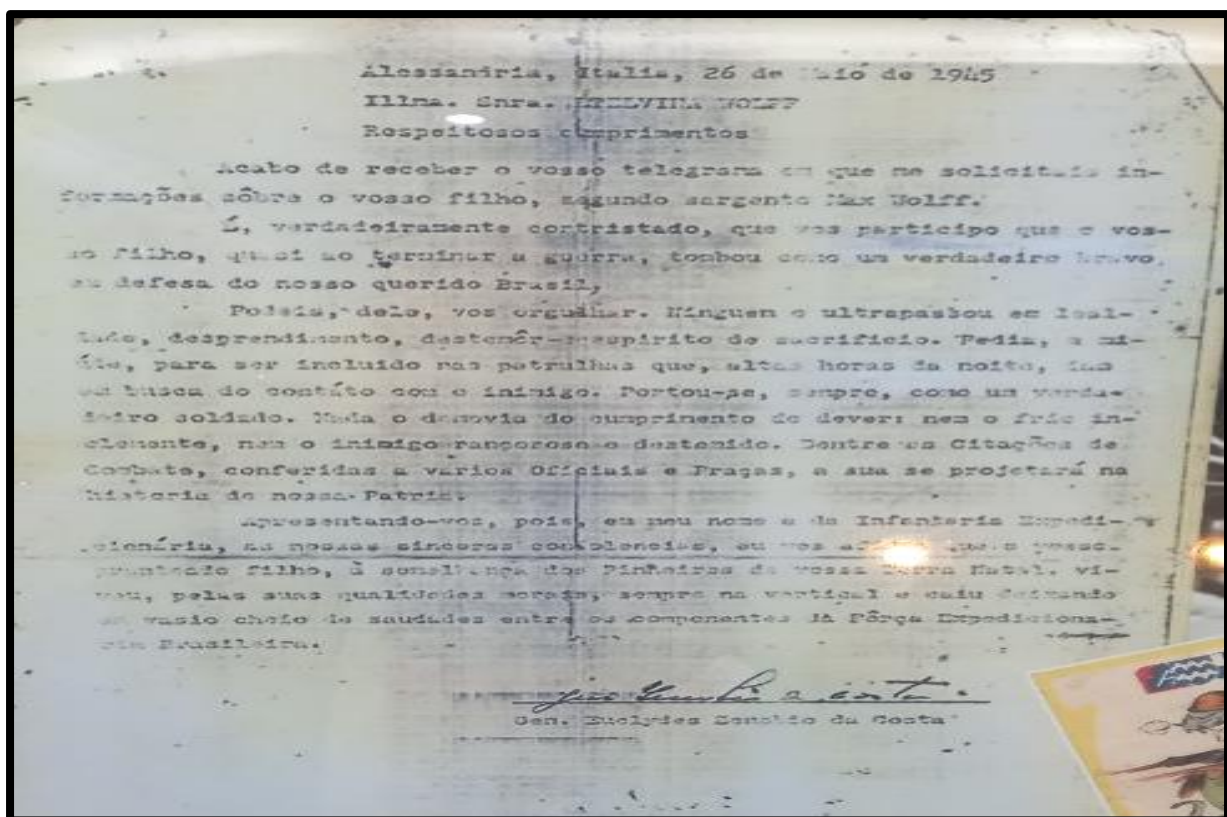


Imagem: Carta do Gen Zenobio da Costa para a mãe do Sgt Wolf

Alessandria, Itália, 26 de maio de 1945

Ilma. Snra. Etelvina Wolff

Respeitosos cumprimentos

Acabo de receber o vosso telegrama em que solicitais informações sobre o vosso filho, segundo sargento Max Wolff.

É, verdadeiramente contristado, que vos participo que o vosso filho, quasi ao terminar da guerra, tombou como um verdadeiro bravo na defesa do nosso querido Brasil.

Podeis, dele, vos orgulhar. Ninguém o ultrapassou em lealdade, desprendimento, destemor e espírito de sacrifício. Pedia, amiúde, para ser incluído nas patrulhas que, altas horas da noite, iam em busca do contato com o inimigo. Portou-se, sempre, como um verdadeiro soldado. Nada o demovia do cumprimento do dever: nem o frio inclemente, nem o inimigo rancoroso e destemido. Dentre as citações de combate, conferidas a vários Oficiais e Praças, a sua se projetará na história de nossa Pátria.

Apresentando-vos, pois, em meu nome e da Infantaria Expedicionária, as nossas sinceras condolências, eu vos afianço que o vosso pranteado filho, à semelhança dos Pinheirais de vossa Terra Natal, viveu, pelas suas qualidades morais, sempre na vertical e caiu deixando um vazio cheio de saudades entre os componentes da Força Expedicionária Brasileira.

Tributo ao Ten Cel Nestor, Veterano da FEB - Herói do Brasil

Organizado e divulgado pelo General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva



Imagem: Nestor como
Tenente na FEB

No dia 13 de julho de 1917, nascia um herói - Nestor da Silva - em Belo Horizonte. Hoje, com 107 anos de idade, é uma referência para civis e militares como cidadão-soldado.

A seguir, conheça alguns dados do valente Pracinha da FEB (Fonte: Wikipedia https://pt.wikipedia.org/wiki/Nestor_da_Silva). Foram feitas algumas correções pelo Gen Rocha Paiva

[Início de Transcrição]

Nestor foi praça voluntário em 1938, no 10º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte (MG), onde realizou o curso de sargento, após o que foi transferido para o 11º Batalhão de Infantaria [então 11º Regimento de Infantaria] em São João Del Rei (MG), unidade que integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Foi promovido à graduação de 3º Sargento e à de 2º Sargento.

Embarcou para Itália em setembro de 1944. Ao desembarcar em Nápoles, 15 dias depois, seguiu para a cidade de Pisa onde recebeu armamento, fardamento e treinamento americano. Tomou parte em quatro confrontos: Galicano Braga, Monte Castello [dois ataques], Castelnuevo e Montese.



Imagem: Nestor é o Pracinha tomando água no cantil, ao fundo do pelotão.

Disponível em: <https://tecnodefesa.com.br/ordem-do-dia-tomada-de-monte-Castello/>

No ataque à cidade de Montese [-] foi promovido ao posto de 2º Tenente - "Por ter se conduzido de maneira excepcional em todas as ações de combate que tomou parte, e revelado elevada capacidade de comando, promovo ao posto de 2º Tenente o 2º Sargento Nestor da Silva". Estas foram as palavras do General Mascarenhas de Moraes - Comandante da FEB na Itália. [Acrescento o Comentário: o General Mascarenhas lhe disse ainda: "dignifique as estrelas de oficial, assim como você honrou as divisas de sargento" (Gen Rocha Paiva)].

Carreira Militar



Imagem: Ten Cel Nestor da Silva, em desfile militar

Terminada a Guerra, regressou em fevereiro de 1946 e foi matriculado na Escola Militar de Resende para frequentar o Curso de Oficiais da Reserva "COR", equivalente ao da Escola Militar, que foi concluído em maio de 1949. Nestor também fez os seguintes cursos: ESAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais) em 1961; Curso Básico de Paraquedista em 1964; Curso de Mestre de Salto em 1966.

Serviu sete anos consecutivos na Brigada Paraquedista e, em 1971, como Tenente Coronel, foi transferido para o Estado-Maior do Exército. No ano de 1972, solicitou transferência para a reserva renumerada. Recebeu homenagem presidencial em 8 de junho de 2015.

Medalhas e Condecorações

-  Medalha Cruz de Combate 1º Classe (bravura pessoal)

-  Medalha Sangue do Brasil

-  Medalha de Campanha

-  Medalha de Guerra

-  Medalha do Pacificador

-  Medalha da Ordem do Mérito Militar

- E, também, Medalha de Mérito Paraquedista; Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes; Medalha de Ouro - 30 anos de serviço. [Fim de transcrição]

Além dos dados anteriores, no currículo do Ten Cel Nestor, constam as Medalha de Mérito Nacional e a Medalha da Vitória.

Em 1972, concluiu a Faculdade de Administração e trabalhou por mais de 20 anos na Divisão de Segurança e Informações do Ministério do Interior, quando realizou o Curso de Estudos Políticos e Estratégicos da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. É casado com a Sra. Niva da Silva e tem cinco filhos, dez netos e cinco bisnetos e reside em Brasília.

DEPOIMENTO DO TEN CEL NESTOR SOBRE O PODER DA ORAÇÃO EM COMBATE (Extrato)

[Início de Transcrição]. Conversava certa vez com um grupo de colegas, quando num dado momento entrou em debate o seguinte assunto.

- Na guerra tem valor ou não a oração antes do cumprimento de uma missão de combate? Alguns presentes achavam inútil, um sinal de medo, de covardia e mesmo de desequilíbrio emocional.

As opiniões divergiam. A discussão acalorou-se. A pergunta foi, então, a mim dirigida, dado ao conhecimento do assunto, pela minha experiência de guerra como integrante da FEB na 2ª Guerra Mundial. Respondendo à pergunta, prestei meu depoimento da seguinte forma:

- Como premissa básica de autoridade para depor, desejo declarar haver participado da Campanha da Itália com o 2º Escalão da FEB, inicialmente como 2º Sargento Auxiliar de Pelotão de Fuzileiros na 2ª Cia do I Btl do 11º RI e, posteriormente, como 2º Tenente (Comandante de Pelotão de Fuzileiros), promovido em 14 de abril de 1945, durante o ataque a Montese [...].

- Como expedicionário, comandeie 28 patrulhas de combate e tomei parte em quatro ataques [já citados anteriormente].

- Em todas as ações em que participei, ou que apenas presenciei, guardo como observação importantíssima, na preparação moral e psicológica da tropa, o apoio que a fé presta ao homem que se dispõe a morrer, principalmente quando essa disposição encontra raízes num ideal de liberdade e justiça.

- Tal fato tem sido encarado – de longa data – por todos os exércitos do mundo. A assistência religiosa efetiva, de todos os credos, é parte integrada na organização militar de todas as nações do mundo livre, ao menos onde os sentimentos cristãos preponderam e onde cada um tem a liberdade de ter a sua própria fé.

- Creio, com a devida vênia, que mais importante do que a própria assistência religiosa, oficial ou oficiosa, não importa qual, é a própria fé do indivíduo que mantém o seu moral capaz de sobrepujar o medo irracional do combate e o instinto de sobrevivência.

- Assisti, continuamente, a orações de combatentes antes, durante e depois do combate. Rezei e fiz rezar. Sei, portanto, do valor da fé por experiência própria e fui testemunha do efeito da oração como apoio e estímulo em meus comandados, seja como sargento, seja como oficial, **mesmo porque não há hierarquia na fé.** [Fim de Transcrição]

Tributo aos Sgt Heróis FEB - Livro do Cel Cláudio Moreira Bento¹⁰

OS 68 SARGENTOS HERÓIS DA FEB MORTOS EM OPERAÇÕES DE GUERRA¹¹

Extraído do livro do Coronel Cláudio Moreira Bento, destacado entusiasta, pesquisador e autor de inúmeras e significativas obras sobre a História Militar do Brasil. A seguir vão os extratos da atuação de quatro daqueles valorosos sargentos da FEB destacados no livro.

1) 2º Sgt Geraldo Berti, natural de Caçapava-SP, do 6º Regimento de Infantaria - Regimento Ipiranga, da mesma cidade.

Tombou heroicamente no ataque ao Morro São Quirico no dia 2 de novembro de 1944. Agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe. No decreto que lhe concedeu esta última lê-se: "No ataque ao Morro S. Quirico, em 31-X-44, vasculhou um ponto forte do inimigo e aprisionou 10 alemães, enfrentando-os sozinho e com a sua arma individual, dando provas de sangue frio, arrojo e desprendimento No decorrer do ataque, veio a falecer, no cumprimento de outra missão, revelando bravura invulgar, espírito de sacrifício e noção do cumprimento do dever." Sublimou as Virtudes Militares de Coragem,

¹⁰Historiador Militar

¹¹[https://www.ahimtb.org.br/OS%2068%20SARGENTOS%20HER%C3%93IS%20DA%20%20FEB%20MORTOS%20EM%20OPERA%C3%87%C3%95ES%20DE%20GUERRA%20\(2\).pdf](https://www.ahimtb.org.br/OS%2068%20SARGENTOS%20HER%C3%93IS%20DA%20%20FEB%20MORTOS%20EM%20OPERA%C3%87%C3%95ES%20DE%20GUERRA%20(2).pdf)
(Download gratuito)

Bravura e Iniciativa. O 6º RI em Caçapava possui mais dados sobre este herói seu e da cidade que o abriga.

2) **3º Sgt José Manoel de Oliveira**, natural de Juiz de Fora (MG), do 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei (MG) – Regimento Tiradentes.

Tombou heroicamente em ação em Montese em 14 de abril de 1945 a poucos dias do Dia da Vitória. Agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe. No decreto que lhe concedeu a última lê-se: "Comandante da 4a Secção de Metralhadoras, do 2º Pelotão da CPIII, morto em combate. Ainda em Bombiana, na noite em que a Companhia sofreu um contra-ataque e um Pelotão desta que se achava no cemitério, foi retirado para reajustamento de dispositivo, esse sargento, que estava no mesmo cemitério comandando uma secção de metralhadoras, permaneceu no seu posto, quando ali surgiu o Capitão Memória, da 7a Companhia, que o interpelou sobre o que fazia ainda naquela posição. O Sargento respondeu que aguardava ordens e ali permaneceria enquanto não recebesse a ordem para se retirar. Dada a situação especial em que se encontrava a Secção, com a frente descoberta, assim foi citada em Parte Especial a Bravura desse Sargento, pelo Capitão Memória: "Em Mirandola deu provas de coragem e sangue frio, estando sempre à testa de sua Secção nas várias manifestações do inimigo que ali se deram. No ataque a Sesseto, foi sempre um exemplo de coragem, sangue frio e destemor, exemplo que a secção teve para inspirar-se, em todas as fases do combate daquele dia, até que caiu morto". Este herói esbanjou e inspirou em seus comandados, pelo exemplo, as Virtudes Militares de Coragem e Bravura. O 11º RI possui mais dados sobre este bravo.



Imagem: 3º Sgt Manoel
Chagas do Regimento
Sampaio

3) **3º Sgt Manoel Chagas**, natural de Manaus (AM), do 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro (RJ) - Regimento Sampaio. Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/2020/03/s-argento-manuel-freitas-chagas.html>

Tombou heroicamente em ação em Castel D'aiano em 14 de abril de 1945 há menos de um mês do Dia da Vitória, distinguindo-se por Coragem, Calma e Sangue Frio. Agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe. No decreto que lhe concedeu esta última condecoração constou o que segue abaixo:

"Durante as operações para a conquista e manutenção de La Serra [24 de fevereiro de 1945], distinguiu-se pelas provas de coragem e sangue frio. Tendo atingido uma posição inimiga, aí se manteve em observação. Notando a aproximação de dois adversários, ocultou-se e deixou que ambos chegassem à porta do abrigo onde estava, quando lhes apontou a arma, fazendo-os prisioneiros. Nessa ocasião, surgiu um terceiro adversário, que lhe atirou uma granada de mão sem o atingir. Manoel Chagas, apesar de tudo, manteve-se em posição de posse dos prisioneiros dando prova de invulgar calma e bravura." Este bravo amazonense revelou possuir as Virtudes Militares de Coragem, Bravura e Iniciativa. O 1º RI possui mais dados sobre este herói.

4) **2º Sgt Max Wolf Filho**, natural de Rio Negro (PR), do 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei (MG) - Regimento Tiradentes.

Tombou heroicamente em ação em Maserno, em 12 de abril de 1945, a menos de um mês do Dia da Vitória, durante as operações que resultaram na conquista de Montese. É considerado o Herói Maior da FEB e sobre ele

escrevemos na História do Comando Militar do Sul - CMS "4 décadas de História".



Imagem: 2º Sgt Max Wolf do
11º RI

Extrato de uma Citação de Combate sobre a coragem "Dentre esses praças desejo destacar o desassombro do Sargento Wolf, que todas as vezes que se apresente uma missão perigosa, principalmente de patrulha, espontaneamente se oferece para fazer parte dela. de Max Wolf: Registro com satisfação essa particularidade do Sargento Wolf, pela qual revela possuir noção perfeita do dever militar".

Outra Citação em 7-03-45: "As ligações eram indispensáveis. A 1ª Cia do 11º RI ocupara no dia anterior as atuais posições, depois de atravessar terreno inteiramente desconhecido e largamente minado. Na madrugada de 7, para guiá-la e protegê-la, partiram à frente o Sargento Wolf, o Cabo Tiago e o Soldado José Berberino, outros tantos exemplos apontar à tropa brasileira. Revela notar que do Sargento Wolf é a segunda citação que tenho o prazer de registrar, por ato meritório praticado em combate".

Hoje o Sargento Wolf é denominação histórica do Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia-RJ, do 20º Batalhão de Infantaria Blindado em Curitiba-PR, e da Escola de Sargento das Armas, ainda em Três Corações-MG.

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA, RJ, 2001

Extrato do Relato Oral do General de Exército R1 Paulo Campos Paiva
(Tenente na FEB)

Monte Castello - a sensação de chegar lá em cima foi poder olhar para o horizonte e dizer: "Barbaridade, nós estamos aqui. Foi uma emoção muito forte porque até chegar lá ocorreram muitas passagens meio complicadas". A conquista foi difícil porque os alemães estavam nas posições superiores. Podiam atuar com morteiro ou com canhão em cima das nossas viaturas de retaguarda, de apoio etc., com muita facilidade.

Monte Castello caiu graças à manobra feita pelo Comandante do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria (I/1º RI). Ele empregou uma Companhia pelo flanco, ameaçando a posição alemã. Quando a Companhia chegou, os alemães começaram a cair fora, porque a posição ia ser cercada. Nisso, avançamos e fomos tomando conta.

Os norte-americanos relatam a história de Monte Castello colocando sua 10ª Divisão de Montanha como sendo a que flanqueou o alemão. Ela até atuou no flanco do escalão alemão, mas, no Monte Castello, foi a Companhia do I Batalhão (Batalhão Uzeda) que ameaçou cercar pelo flanco e fez os alemães abandonarem a posição para não caírem prisioneiros.

Durante toda a campanha de Monte Castello, incluindo os insucessos anteriores, o aspecto que destacaria como o mais importante foi o emprego dessa Companhia do I Batalhão ameaçando cercar os alemães. Nas primeiras tentativas não se chegou a fazer o flanqueamento. Foram ataques fantasmas [frontais], pelos quais se pagou um preço caro. Houve muito ato de bravura, mas custou caro. Nessa ocasião, não. O alemão, em vez de manter a resistência, tratou de cair fora, porque se ele permanecesse ali seria cercado.

Esse flanqueamento, não planejado, foi uma conduta de combate. O Comandante do I Batalhão

- Major Olívio Gondim de Uzeda - teve visão do combate. Determinou à Companhia reserva que seguisse aquele rumo para chegar à retaguarda da posição alemã. Era um senhor Comandante, competente, capaz e corajoso [embora] muito rigoroso ao corrigir os comandados.

Não há quase nada escrito sobre a morte do Tenente Godofredo Cerqueira Leite. Após a conquista do Monte Castello, os alemães, continuaram a bombardear com tiros de inquietação. Uma granada ricocheteou em uma árvore e caiu no abrigo onde se encontravam o Tenente Cerqueira Leite e o seu ordenança, despedaçando-os.

A maioria dos oficiais achava que Cerqueira Leite não deveria participar da ação por estar sem condições físicas [convalescendo de pneumonia], mas ele não admitiu que, como Comandante, não atacasse junto com seus soldados, a quem muito estimava. A insistência e o amor a eles resultaram na morte desse íntegro e valente oficial, exemplo de tenente da nossa FEB. Não abriu mão de liderar seus soldados, que não queria deixar na hora de entrar em combate. Disse que “se não pudesse ir comandando o Pelotão iria como simples soldado, integrando o mesmo”. Era essa a personalidade do Tenente Cerqueira Leite.

Eu acho que isso não estava escrito e precisava ser dito para se valorizar esse tenente que não recebeu ainda a homenagem adequada.

CRUZ DE COMBATE 1ª CLASSE – ALGUNS HERÓIS DA FEB

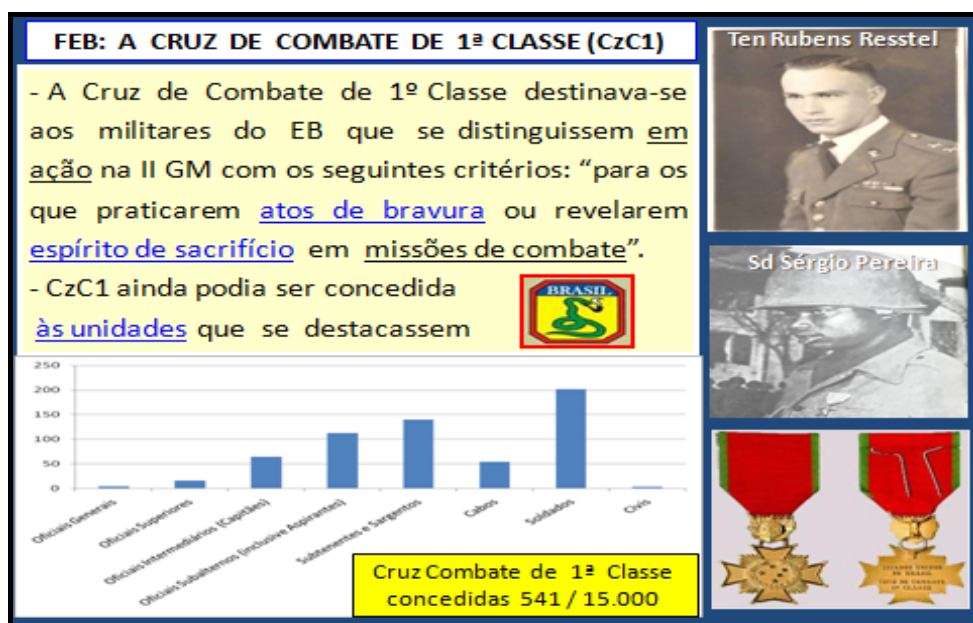


Imagem: A Cruz de Combate de 1ª Classe

Para os camaradas de Artilharia, um pouco da história de um digno discípulo de Mallet, Salomão da Rocha, Tibúrcio, Mascarenhas de Moraes e tantos outros. Exemplo de que para o verdadeiro Soldado o dever lhe exige ir além do dever.

- 2º Tenente Rubens Resstel - 3º Grupo de Obuses

Destacou-se em ações próximas a Montello, nos dias **14 e 15 Abr 45**, quando, como observador avançado de Art, revelou grande coragem e perícia no cumprimento de suas responsabilidades. Avançando à frente da Inf, penetrou em um CC abandonado, a fim de conseguir informações das posições Ini. Enquanto enviava observações para direcionar tiros de sua Unidade de Art, manejou a metralhadora do mesmo CC e varreu as posições Ini próximas com intenso fogo, permitindo o avanço da Inf pela área onde estava. No dia seguinte, Resstel habilmente guiou as tropas aliadas (brasileiras e norte-americanas) através de posições avançadas sobre terreno acidentado e sob pesado fogo Ini. Ainda que ferido (2º vez na guerra), continuou sua tarefa até que as tropas tivessem alcançado suas novas posições. **Demonstrou coragem, iniciativa, decisão, tenacidade e senso de cumprimento do dever.** Além da CzC1, foi condecorado com a *Silver Star* dos EUA.

24

Imagem: Citação para concessão da Cruz de Combate ao 2º Ten Resstel.

O Soldado Sérgio Pereira e o Capitão Tarcísio Bueno são exemplos de valores que nos são caros: liderança, camaradagem, coragem e espírito de sacrifício – NINGUÉM FICA PRA TRÁS!

O Soldado arriscou a vida por seu Comandante que talvez nem estivesse mais vivo – O COMPANHEIRISMO CONTINUA ALÉM DA VIDA!

- Soldado Sérgio Pereira (11º RI)

“No dia 14 Dez 44, houve várias tentativas do RI para resgatar o Cap Tarcísio Bueno, gravemente ferido no contra-ataque brasileiro para retomar posições abandonadas no Monte Castelo, caído em local de difícil acesso e batido por fogos inimigos. Todas patrulhas organizadas regressaram sem o Cap. Na madrugada do dia seguinte, silenciosamente e **sozinho**, o Sd Sérgio, ordenança do Cap ferido, sobe a montanha para procurá-lo. Rastejando a maior parte do tempo, encontra o oficial quase morto e o carrega nas costas montanha abaixo até as linhas amigas. **Demonstrou espírito de corpo, responsabilidade, coragem, iniciativa, subordinação e abnegação**”.

- **Nota:** o Capitão sobreviveu e o Soldado Sérgio Pereira ainda recebeu a Bronze Star dos EUA

3

Imagem: Citação para concessão da Cruz de Combate ao Soldado Sérgio.

JORNALISMO DE GUERRA

Crônicas, histórias, notícias e relatos sobre o Brasil na II Guerra Mundial

Por **Helton Costa** - publicado em 14 de novembro de 2021

<https://jornalismodeguerra.com/2021/11/14/capitao-baleado-em-abetaia-foi-salvo-da-morte-por-soldado-que-virou-amigo-dele/>

(Segue Extrato do Artigo, com acréscimos em azul pelo Gen Bda Veterano Rocha Paiva)

João Tarcísio Bueno era natural de Mato Grosso. Vinha de uma família de militares, que ajudaram na consolidação da fronteira oeste do Brasil. Descendia de modo distante do bandeirante Anhanguera, Bartolomeu Bueno da Silva.

Formou-se oficial na turma de 1932, voltou para a terra natal e trabalhava na 9ª Região Militar. Foi ali que ele conheceu outro personagem

famoso da Força Expedicionária Brasileira – FEB, Zenóbio da Costa, que foi o comandante da infantaria. Zenóbio era de Corumbá, na época, parte do Mato Grosso e hoje Mato Grosso do Sul.

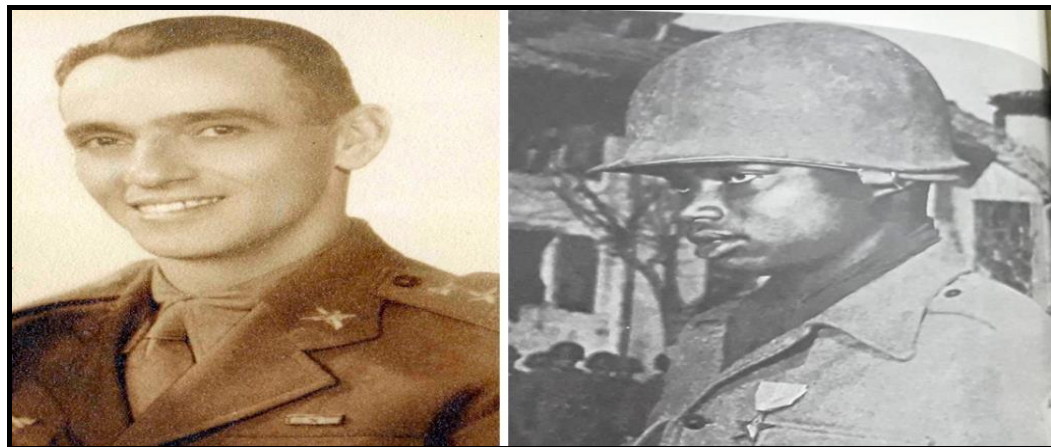


Imagem: Capitão Bueno e Soldado Sérgio (Foto: AHEx)

Da amizade entre os dois, resultou que quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, João Tarcísio Bueno, já capitão, foi convidado para fazer parte dos auxiliares de Zenóbio, embarcado no primeiro escalão como ajudante de ordens.

O médico Alípio Corrêa Netto, no livro “Notas de Expedicionário médico”, editado em 1983, comenta que João Tarcísio Bueno sabia que tinha um dos pulmões comprometido por suspeita de tuberculose, e que se negou fazer exame de detecção da doença antes de embarcar. O médico conta, na página 54 do livro, que foi exatamente a doença que o salvou da morte, como se verá.

Na Itália

Após um batismo de fogo pouco positivo, a 1ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria precisou ser tirada de linha, em Casa Guanella, quando após o ataque [patrulhas reforçadas alemãs], a maioria dos homens fugiu.

[–] Zenóbio da Costa [Comandante da Infantaria Expedicionária], sugeriu a Mascarenhas de Moraes que os mesmos homens que tinham sofrido um batismo de fogo traumático em Guanella, fossem atacar o Monte Castello,

durante a quarta tentativa de tomada da elevação, em 12 de dezembro de 1944.

Para elevar a moral dos homens, ele escolheu ninguém menos que João Tarcísio Bueno, seu homem de confiança, para liderar o ataque [-], bem pelo meio do dispositivo que passava por Abetaia, que é um dos pontos que até hoje dão acesso ao Monte e por isso mesmo, naqueles dias, bastante visado pelos alemães. Bueno teve só dois dias para conhecer e motivar a tropa.

Situação Complicada

Logo no início do ataque os alemães perceberam a movimentação brasileira, até porque horas antes do ataque, a artilharia americana havia quebrado o fator surpresa com uma saraivada no setor vizinho à Monte Castello. Cientes do que estava por vir, os tedescos despejaram morteiros e tiros de metralhadoras que paralisaram os brasileiros.

Bueno, com muito sacrifício, chegou até Abetaia, porém os inimigos isolaram o grupo dele, com fogos de todas as partes e ainda tiraram as comunicações de ação, rompendo fios e acertando soldados que carregavam radiotransmissores.

O relógio marcava 11h37, quando chegou um mensageiro ao comandante do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria e informou que Bueno havia sido baleado quando tentava avançar com seus homens, ao levantar-se para atirar uma granada.

No Posto de Observação viram ele caído a 30 metros de uma casa. Mandaram um soldado buscá-lo, mas, quando o jovem estava a 50 metros do oficial, levou um tiro dos alemães. Segundo a parte de combate do dia, do 11º Regimento de Infantaria, tentaram por outras três vezes buscar o Bueno, inclusive mandando padioleiros identificados com a cruz vermelha, mas, os alemães não permitiam a aproximação.

Enquanto isso os homens comandados por Bueno permaneciam isolados e ficaram assim até às 20h, quando finalmente conseguiram retornar para

a base de partida. O ataque frustrado começara às 6h! De noite, Max Wolf, 3º sargento que comandava um grupo de combate especial [uma patrulha], também saiu em busca de Bueno. Não o encontrou, mas, conseguiu encontrar soldados dispersos e feridos.

E Depois?

Quando foi baleado, Bueno levava junto de si, o seu braço direito até ali, o ordenança Sérgio Pereira, que o ajudava no cotidiano e era seu amigo. Quando o tiro acertou o comandante dele, Sérgio memorizou o local, mas, não conseguiu resgatá-lo. [-] Na versão de Adhemar Rivemar de Almeida é confirmado que do posto de observação os homens viram o corpo de Bueno por algum tempo, até que ele desaparecesse.

Nesse Meio Tempo

Enquanto os brasileiros batiam em retirada, os alemães foram checar os corpos dos inimigos mortos e feridos. Eles roubaram a pistola do capitão Bueno, não tendo dado o tiro de misericórdia, pois, acharam que ele já estava morto.

O neto de Bueno, Alexei, que escreveu o livro "João Tarcísio Bueno: herói de Abetaia", conta que na verdade não foram metralhadoras que acertaram o avô e sim as ditas balas "dum dum", munição expansiva que com impacto aumenta de diâmetro e produz um ferimento bastante grande. No caso de Bueno, o buraco aberto foi de 12 centímetros.

Alexei narra que depois que os alemães se foram, Bueno se arrastou e se jogou dentro de um rio semicongelado, que segundo o neto, pode ter sido o que salvou a vida dele.

É aí que Sérgio volta à cena. De madrugada, Sérgio Pereira, o ordenança, atravessou sozinho as linhas brasileiras, entrou pela terra de ninguém e foi procurando pelo capitão. Quando o encontrou, foi puxando e de arrasto o colocou em um local seguro até que ficasse bem próximo das linhas brasileiras e padioleiros pudessem resgatá-lo e dar os primeiros socorros.

[a “terra de ninguém” era patrulhada pelos alemães, o que tornava o resgate arriscado e demorado para retornar às linhas amigas]

Mandado para o hospital, as esperanças de que Bueno melhorasse não eram muitas. Foi mandado de volta para o Brasil em um navio de transporte, amarrado a uma cama, para poder se tratar por aqui. A tuberculose foi confirmada e foi um agravante ao drama que ele já vinha enfrentando desde o tiroteio em Abetaia. [-]

O Improvável Acontece

Mesmo com problemas de saúde, um ferimento severo [-] e resgatado pela ordenança, Bueno se recuperou. Porém, precisou manter o tratamento da tuberculose, sendo transferido para Belo Horizonte onde havia um bom tratamento na época e em 1946 foi promovido a major reformado, por não ter condições de trabalhar. Em 1950, foi elevado ao posto de coronel e reformado de vez como general de Brigada.

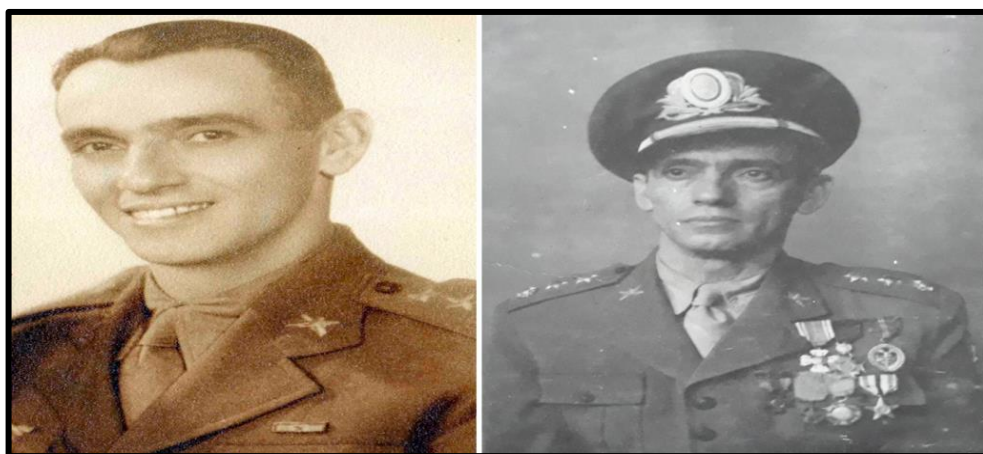


Imagem: Capitão Bueno antes da guerra e em 1946, após o regresso.

Pode não parecer, mas, são a mesma pessoa: o capitão Bueno antes de ir para a guerra e ele em 1946, apenas um ano após o ocorrido em Abetaia. Nota-se bem mais envelhecido. (Foto: AHEx e acervo de Alexei Bueno)

Fora isso, o antigo capitão da FEB precisou fazer tratamento nos Estados Unidos para retirar pequenos estilhaços que ainda estavam no corpo dele e viveu apenas com um pulmão. É isso que Alípio Correia, o médico, quer

dizer quando defende que foi a doença que o salvou, pois, o tiro pegou do lado do pulmão que era comprometido com tuberculose.

O Salvador

Sérgio Pereira era de família humilde de Minas Gerais. Em entrevista que deu a Sírio Sebastião Fröhlich, no livro “Vozes da Guerra”, página 128 e 129, ele disse que não fez mais do que obrigação dele. “O capitão estava em combate peito a peito, muito próximo do inimigo. Ele estava à frente da companhia, ao meu lado quando caiu. Pegaram feio mesmo! Arrebentaram as costelas com uma metralhadora... Os outros voltaram. Eu enfrentei o desafio: não voltei; fiquei lado dele. Depois eu coloquei nas costas e fui trazendo, até onde ele pudesse ser socorrido. (...) Foi uma ação normal! Era a missão a ser cumprida. Eu era ordenança dele, e era o meu dever”, explicou décadas depois.

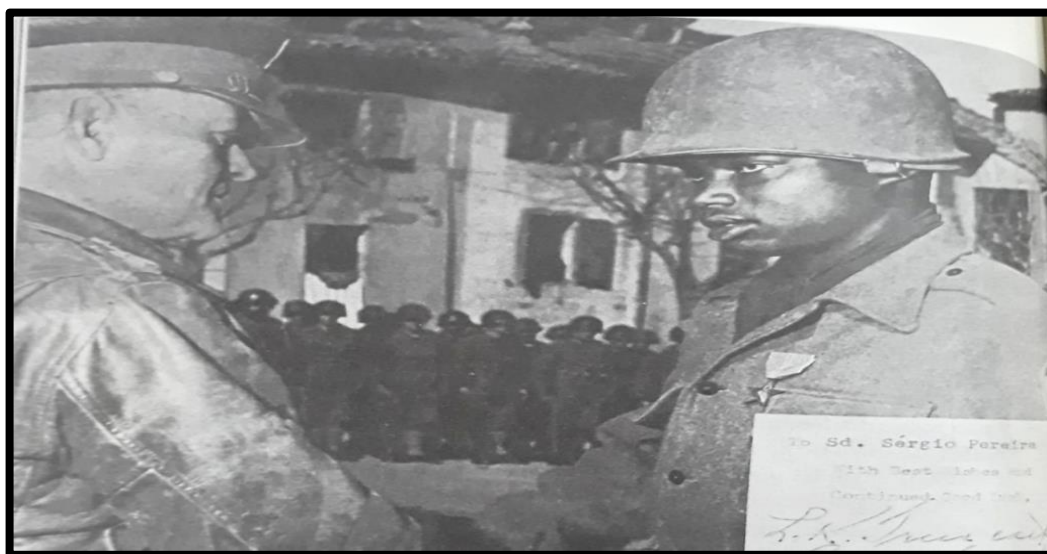


Imagem: Comandante do V Ex/EUA condecora o Soldado Sérgio com a Bronze Star (Foto: AHEx)

Porém, o antigo comandante não se esqueceu do salvador e Sérgio Pereira conseguiu um emprego na Polícia Civil do Rio de Janeiro, tendo chegado, inclusive, a ser delegado. Bueno intermediou para que ele tivesse boas referências para entrar no serviço público. As famílias ficaram muito amigas e Sérgio foi padrinho de casamento de uma das filhas de Bueno.

Destinos Entrelaçados

Em 1963, jantando com a família, sofrendo de um edema pulmonar, João Tarcísio Bueno passou mal e precisou ser internado, no dia 4 de abril daquele ano. Sérgio Pereira o via com frequência e ao visitá-lo no dia 6 de madrugada, quando revezava com uma das filhas os cuidados do amigo, notou uma espuma rosada saindo dos lábios do antigo comandante e, segundo o neto de Bueno, Alexei, como que em uma história cinematográfica, quem estava no momento do último suspiro do oficial da FEB, foi Sérgio Pereira, o mesmo homem que o resgatara da morte em 1944.

Alexei conta ainda que no atestado de óbito constava que a morte havia se dado em decorrência do ferimento recebido na guerra. João Tarcísio Bueno foi enterrado no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Não encontramos a data de falecimento de Sérgio Pereira.

VÍDEOS SOBRE A FEB

PROJETO CIVISMO DO INSTITUTO SAGRES (Ver links)

Projeto Civismo – Vídeos (<https://sagres.org.br/projeto-civismo-videos/>)

O link acima permite acessar os vídeos do Projeto Civismo do Instituto Sagres, além dos que tratam da FEB. A numeração dos vídeos, constante no site, não corresponde às que estão na tabela adiante, onde estão apenas os vídeos sobre a FEB, na ordem sugerida para assistir e com os links correspondentes.

- **Vídeo 1:** Como estava o Brasil nos anos 1930-1940. As enfermeiras da FEB e testemunho do Ten Cel Nestor (Veteranos da FEB, com 107 anos). <https://sagres.org.br/forca-expedicionaria-brasileira/>

- **Vídeo 2:** Evolução do conflito e reflexos no Continente Americano. Como era o EB. Como se organizou a FEB. Afirmção moral e operacional da FEB. <https://sagres.org.br/feb-por-que-o-brasil-foi-a-guerra/>

- **Vídeo 3:** O problema do “batismo de fogo” dos exércitos inexperientes (um pouco de doutrina militar) e o resumo do roteiro das ações da FEB na Itália. <https://sagres.org.br/feb-batismo-de-fogo/>

- **Vídeos 4, 5 e 6:** Conquista de Monte Castello (problemas operacionais, insucessos iniciais, antecedentes ao ataque vitorioso, evolução do ataque e conquista do objetivo).

https://sagres.org.br/batalha_montecastello1/

https://sagres.org.br/batalha_montecastello_2/

https://sagres.org.br/batalha_montecastello_3/

- **Vídeo 7:** Conquista de Montese (situação geral antes do ataque, manobra planejada para o Regimento Tiradentes, evolução do ataque e conquista do objetivo). <https://sagres.org.br/feb-a-batalha-de-montese/>

- **Vídeo 8:** Aproveitamento do êxito no Vale do Rio Pó, o combate de encontro, o bloqueio da 148ª Divisão de Infantaria alemã em Collechio-Fornovo e a rendição dessa força à FEB. <https://sagres.org.br/feb-fornovo/>

- **Vídeo 9:** Organização, desdobramento e operações do Serviço de saúde da FEB no TO italiano. Reflexos políticos, econômicos, militares e sociais da FEB para o Brasil no campo interno e das relações externas do País. https://sagres.org.br/feb_servico_saude/

VÍDEOS DE PROGRAMAS DA RPC TV SOBRE A FEB (Ver links)

Programa “Meu Paraná” – Apresentação de Dulcineia Novaes

Acesse e divulgue ao máximo.

Vamos nós, PATRIOTAS, dizer o que foi a FEB e não deixar que revisionistas apátridas destruam nossa história, nossos feitos e nossos heróis.

São vídeos com cerca de 20 minutos, mas muito bem elaborados e com conteúdos relevantes.

Você tem um papel a cumprir e uma grande responsabilidade. Não é muito trabalhoso nem difícil de fazer.

Parte 1

https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=hmGqMwaWxPo

Parte 2

<https://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=KrAdsYQSNtk&NR=1>

Parte 3

<https://www.youtube.com/watch?v=9NbYha1xIM4&feature=endscreen&NR=1>

Parte 4

<https://www.youtube.com/watch?NR=1&v=sM0fTMLoP1s&feature=endscreen>

Postado por: General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ademar Rivermar de. Montese: marco glorioso de uma trajetória. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

AMBROSE, Stephen E. The Supreme Comander: The war years of Dwight D. Eisenhower.

(https://books.google.com.br/books?id=QNkL8V7Dcr0C&pg=PA166&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false). Acesso em 22-06-2015.

ATKINSON, Rick. An Army at Dawn. New York City – NY. Henry Holt and Co, 2007.

BRAGA, Rubem. Crônicas de Guerra na Itália. Rio de Janeiro - RJ. Ed Record, 2014 (p.222).

BRAYNER, Floriano de Lima. A verdade sobre a FEB (memórias de um chefe de Estado-Maior na Itália). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BUENO, Alexei. João Tarcisio Bueno: o herói de Abetaia. Rio de Janeiro: Editora G. Ermakoff, 2010.

CORRÊA NETTO, Alípio. Notas De Um Expedicionário Médico. São Paulo-Brasil: ALMED, 1983.

FRÖHLICH, Sírio Sebastião. Vozes da Guerra. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblex, 2015

KLEIN, Klaus Erich. FEB - II Guerra Mundial. Conselho Nacional de Oficiais R2. (<http://cnor.org.br/forum/viewtopic.php?t=125>). Acesso em 23-06-2015.

PAIVA, Luiz Eduardo Rocha. Lei Moral, Liberdade e História: tripé da grandeza. Revista do Clube Militar, Nr 442 (agosto-setembro-outubro/2011).

PORTALFEB. <http://www.portalfeb.com.br/longa-jornada-acoes-em-combate-montese/> (acesso em 23-06-2015).

UZÊDA, Olívio Gondim de. Crônicas de Guerra. Alagoas. Imprensa Oficial, 1947.

